



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CAMPUS DE SOBRAL
CURSO DE MÚSICA - LICENCIATURA

ANTONIO FRANCISCO SILVA DO NASCIMENTO

**PROCESSOS FORMATIVOS E PROFISSIONALIZANTES DOS MÚSICOS NO
MUNICÍPIO DE GRAÇA-CE: DIALOGANDO SOBRE EXPERIÊNCIAS DE
FORMAÇÃO PROFISSIONAL**

SOBRAL

2023

ANTONIO FRANCISCO SILVA DO NASCIMENTO

PROCESSOS FORMATIVOS E PROFISSIONALIZANTES DOS MÚSICOS NO
MUNICÍPIO DE GRAÇA-CE: DIALOGANDO SOBRE EXPERIÊNCIAS DE
FORMAÇÃO PROFISSIONAL

Monografia apresentada ao Curso de Música -
Licenciatura da Universidade Federal do Ceará
como requisito parcial à obtenção do título de
Licenciado em Música. Área de concentração:
Educação Musical.

Orientador: Prof. Dr. Guilherme Araújo Freire

SOBRAL

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- N193p Nascimento, Antonio Francisco Silva do.
Processos formativos e profissionalizantes dos músicos no município de Graça-CE : Dialogando sobre experiências de formação profissional / Antonio Francisco Silva do Nascimento. – 2023.
63 f. : il. color.
- Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Campus de Sobral, Curso de Música, Sobral, 2023.
Orientação: Prof. Dr. Guilherme Araújo Freire.
1. Processos formativos. 2. Músico profissional. 3. Educação musical. I. Título.

CDD 780

ANTONIO FRANCISCO SILVA DO NASCIMENTO

PROCESSOS FORMATIVOS E PROFISSIONALIZANTES DOS MÚSICOS NO
MUNICÍPIO DE GRAÇA-CE: DIALOGANDO SOBRE EXPERIÊNCIAS DE
FORMAÇÃO PROFISSIONAL

Monografia apresentada ao Curso de Música -
Licenciatura da Universidade Federal do Ceará
como requisito parcial à obtenção do título de
Licenciado em Música. Área de concentração:
Educação Musical.

Orientador: Prof. Dr. Guilherme Araújo Freire

Aprovada em: 05/12/2023.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Guilherme Araújo Freire (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. José Alvaro Lemos de Queiroz
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. João Emanuel Ancelmo Benvenuto
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Aos meus pais, irmãos e amigos.

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Dr. Guilherme Araújo Freire, por cada orientação, apoio, disponibilidade, comprometimento, incentivo e paciência durante todo o processo de desenvolvimento deste trabalho.

Aos professores participantes da banca examinadora Prof. Dr. Eveline Andrade Ferreira e Prof. Dr. João Emanuel Ancelmo Benvenuto, por terem aceitado o convite e contribuírem de maneira veementemente trazendo reflexões, críticas e sugestões, além de todos os seus ensinamentos no decorrer do curso.

Aos meus pais Francisco Cícero e Francisca Maximiana, assim como meus irmãos, Francisco Maurício e Francisco Vinícius, pois sem o seu apoio, incentivo e compreensão nada disso seria possível, e eu não teria chegado tão longe na minha carreira musical.

Ao meu amigo Willier Sousa que esteve ao meu lado desde o início da minha trajetória na música e mais ainda no decorrer do curso, compartilhando conhecimento, experiências, apoio e incentivo.

A toda turma do ano de 2019, em especial, Mateus Elildo, Clara Ferreira, Jheimison Costa, Ronardo Albuquerque, Douglas Lopes e Tiago Vasconcelos. Pessoas as quais se tornaram uma família para mim dentro e fora da universidade, cujo contato e conexões contribuíram para que eu evoluísse em diversas áreas em minha trajetória, assim como me sentir pertencente ao ambiente ao qual estava imerso.

A todo o corpo docente do Curso de Música, e professores do Curso de Psicologia, que estiveram presentes no decorrer da minha vida acadêmica. Agradeço por todos ensinamentos, diálogos, e acolhimento.

Aos membros da banda da “Ópera Relativa”, e do “projeto Música na Escola” que me trouxeram motivação, inspiração e ótimos momentos dentro e fora da universidade.

Aos músicos entrevistados, pelo tempo e disponibilidade concedido às entrevistas.

A todos os amigos e colegas que fiz na universidade, e que de alguma maneira agregaram valores e boas experiências ao longo da minha vida acadêmica.

RESUMO

O presente trabalho aborda os processos formativos e profissionalizantes dos músicos no município de Graça-CE, com o intuito de investigar como desenvolvem as habilidades e competências musicais necessárias para atuar no mercado de trabalho, visto que o município não dispunha de conservatórios ou escolas de música no período do estudo. A metodologia empregada para realização da pesquisa constituiu em uma abordagem qualitativa baseada em análise de dados obtidos através da realização de entrevista com a amostragem de cinco músicos participantes. Como instrumento de coleta de dados, foram realizadas entrevistas semi-diretivas com os músicos. As entrevistas contaram com a utilização de um questionário elaborado previamente contemplando aspectos relacionados às atividades formativas e de profissionalização dos músicos, assim como, foram gravadas em áudio e posteriormente transcritas em formato de texto. Através da pesquisa e dos dados obtidos nas entrevistas, foi possível observar que os músicos do município de Graça-CE, desenvolvem suas habilidades e competências musicais por meio de dois ou mais contextos de educação musical distintos, mas que interseccionam-se. Essa característica se deve ao fato dos músicos buscarem opções viáveis na busca de desenvolvimento pessoal e de conhecimentos. Desse modo, participação em projetos culturais realizados pela prefeitura municipal, contratação de professores particulares, utilização de ferramentas associadas a internet, utilização de CD's e DVD's, participação em grupos musicais, trocas de conhecimentos entre amigos e familiares que possuem noções musicais, e a busca por instituições de ensino em outros municípios foram alguns dos meios constatados na pesquisa pelos quais os músicos do município desenvolvem as habilidades e competências musicais em suas trajetórias formativas e profissionalizantes.

Palavras-chave: Processos formativos; Músico profissional; Educação musical.

ABSTRACT

This work addresses the training and professionalization processes of musicians in the municipality of Graça-CE, with the aim of investigating how they develop the musical skills and competencies necessary to work in the job market, given that the municipality did not have conservatories or music schools. during the study period. The methodology used to carry out the research consisted of a qualitative approach based on analysis of data obtained through interviews with a sample of five participating musicians. As a data collection instrument, semi-directive interviews were carried out with the musicians. The interviews used a previously prepared questionnaire covering aspects related to the musicians' training and professionalization activities, as well as being recorded in audio and later transcribed into text format. Through the research and data obtained in the interviews, it was possible to observe that musicians in the municipality of Graça-CE develop their musical skills and competencies through two or more distinct, but intersecting, musical education contexts. This characteristic is due to the fact that musicians seek viable options in the search for personal development and knowledge. Thus, participation in cultural projects carried out by the municipal government, hiring private teachers, using tools associated with the internet, using CDs and DVDs, participating in musical groups, exchanging knowledge between friends and family who have musical knowledge, and seeking by educational institutions in other municipalities were some of the ways found in the research through which musicians in the municipality develop musical skills and competencies in their training and professional trajectories.

Keywords: Training processes; Professional musician; Musical education.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mapa da região Metropolitana de Sobral.....	5
Figura 2 – Apresentação da turma de percussão do Projeto “O som que dá Graça”	6
Figura 3 – Apresentação de quadrilhas juninas em Graça - CE.....	7
Figura 4 – Festa com participação do grupo Fabrício Cantor e Forró Revelações.....	8
Figura 5 – Exposição do Projeto “A musicalidade Gracense”.....	8

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Perfil dos músicos participantes da pesquisa.....	21
--	----

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	1
2	CENÁRIO ARTÍSTICO CULTURAL DO MUNICÍPIO DE GRAÇA	5
3	EDUCAÇÃO MUSICAL	9
3.1	Categorização de contextos de Educação Musical na Literatura: Uma breve revisão bibliográfica	11
3.1.1	Educação Musical Formal	11
3.1.2	Educação Musical Não Formal	14
3.1.3	Educação Musical Informal	17
4	METODOLOGIA	18
4.1	Amostra da pesquisa	18
4.2	Método da pesquisa	19
4.3	O instrumento de coleta de dados	19
4.4	O procedimento de coleta de dados	20
5.	O MUNICÍPIO DE GRAÇA - RESULTADOS DA PESQUISA	21
5.1	Processos de ensino e aprendizagem no município de Graça.....	22
5.1.1	Educação musical formal	22
5.1.2	Educação musical não formal	25
5.1.3	Educação musical informal	30
6.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
	REFERÊNCIAS	35
	APÊNDICE A – INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS	37
	APÊNDICE B – TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS	38

1. INTRODUÇÃO

Entre as diversas profissões que pode-se exercer dentro de uma sociedade, está situado o ser músico. Ela pode ser subdividida em diversas nuances da área musical, visto que é possível categorizar músicos como eruditos e/ou populares, sem falar das diferentes possibilidades de áreas de atuação como: músico performático, músico de estúdio, professores, maestros, arranjadores, compositores, intérpretes, sonoplastas, dentre outros. Embora cada uma dessas categorias possuam objetivos e campos de atuação diferentes, é característica comum entre elas a necessidade de que os indivíduos integrantes desenvolvam habilidades e competências específicas para a execução das atividades exigidas em cada uma dessas nuances. Sendo assim, visando desenvolver essas habilidades e competências, os indivíduos passam por processos de formação, conjuntamente com desenvolvimento de uma identidade relacionada a essa profissão.

Neste trabalho iremos aprofundar nossa visão acerca dos processos formativos e profissionalizantes aos quais os músicos populares desenvolvem para se inserirem no mercado de trabalho, abordando mais especificamente o contexto da cidade de Graça (Ceará), assim como os fatores que os motivam, os significados de suas decisões e discursos que buscam comunicar com elas, os impasses que encontram no caminho, assim como analisar e fazer uma reflexão crítica sobre as estratégias que eles utilizam para superar as adversidades em sua trajetória formativa.

A pesquisa é justificada devido a presença de um número considerável de músicos atuando profissionalmente no município de Graça, fato que contribui para o crescimento do cenário musical local. Entretanto, a temática dos processos formativos e de profissionalização destes músicos não tem sido abordada em pesquisas científicas. Devido à ausência de quantidade significativa de estudos direcionados a esses processos, especialmente em cidades do interior, a pesquisa se torna relevante, tendo em vista que, a partir do levantamento e análise de dados relacionados aos mesmos, o estudo contribui para termos uma visão mais aprofundada do cenário musical profissional do município.

A educação musical é uma área que não está limitada apenas ao ambiente escolar estruturado e sistematizado como conservatórios e/ou escolas de música, visto que a educação de uma maneira geral, pode acontecer em diversos ambientes distintos, havendo a intencionalidade de sua ação ou não. Ambientes propícios a alguma forma de relação social, compartilhamento de experiências e à ação coletiva costumam ser também propícios a alguma

forma de ensino/aprendizagem. Sobre isso, Brandão (1981) e Libâneo (2010) ressaltam que a educação está presente em vários lugares no dia a dia das pessoas.

Na casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos, todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender-e-ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação. Com uma ou com várias: educação? Educações. (BRANDÃO, 1981, p. 07).

(...) Não há uma forma única nem um único modelo de educação; a escola não é o único lugar em que ela acontece e talvez nem seja o melhor; o ensino escolar não é a única prática, e o professor profissional não é seu único praticante” (LIBÂNEO, 2010, p. 26).

Partindo dessa perspectiva é relevante levantarmos os diferentes contextos de educação, sendo eles: Educação Formal, Informal e Não formal.

Partindo da visão abordada por Libâneo (2010) a Educação Formal é a educação que ocorre em ambientes estruturados e institucionalizados onde há a delimitação de temas e conteúdos a serem abordados, possuindo níveis e objetivos estabelecidos em caráter progressivo a fim de que o aluno desenvolva o conhecimento apresentado gradativamente. Como exemplo desse tipo de educação, podemos citar as instituições escolares governamentais presentes no Brasil, nas quais, de acordo com o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), no ano de 2019, 48,8% da população com 25 anos ou mais de idade havia finalizado a educação básica obrigatória.

A Educação Não Formal, assim como a formal, compartilha da intencionalidade do processo de ensino/aprendizagem, entretanto ocorre em ambientes distintos das instituições escolares e não somente se limita a métodos fixados previamente. Sendo assim, compartilha da flexibilidade no desenvolvimento de conteúdos e metodologias que se adequem ao grupo de alunos ali inseridos. Como exemplo para esse tipo de educação, podemos citar o grupo Abadá-Capoeira (Associação Brasileira de Apoio e desenvolvimento da Arte-Capoeira), fundado no ano de 1988 pelo Mestre Camisa (José Tadeu Carneiro Cardoso). Dentre os elementos musicais utilizados neste grupo podemos destacar o canto, a utilização de instrumentos musicais, o acompanhamento percussivo de palmas, entre outros.

Estes são elementos aos quais podemos observar principalmente nos momentos de roda. Momento este em que os capoeiristas formam um círculo e alguns participantes entram na roda para “jogar”, realizando uma espécie de luta/dança enquanto os demais membros acompanham o ritmo com palmas e/ou cantam, tocam atabaques, berimbaus, caxixis e pandeiros. Portanto, o ensino de música utilizando o canto, as palmas, e a oferta de instruções sobre as maneiras pelas quais os instrumentos citados podem ser tocados fazem parte do

cotidiano de grupos de capoeira. Embora, o ensino de música não seja uma atividade principal destes grupos, e aconteça de maneira complementar às atividades que fazem parte do cotidiano dos mesmos.

Em contrapartida a Educação Informal não necessariamente está vinculada a intencionalidade do ensino/aprendizagem. Ela é a educação que acontece durante os processos de socialização aos quais os indivíduos participam, é repleta de valores culturais e transmitida a partir de experiências desenvolvidas no cotidiano, seja com a família, amigos, comunidades, integrantes de alguma forma de grupos, etc. Sobre isso Gaspar (2002) pontua:

Há muito mais a aprender e desde muito cedo: a língua materna, tarefas domésticas, normas de comportamento, rezar, caçar, pescar, cantar e dançar - sobreviver, enfim. E, para tanto, sempre existiu, também desde muito cedo, uma educação informal, a escola da vida, de mil milênios de existência (GASPAR, 2002, p. 173).

Como exemplo desse tipo de educação, podemos citar o filho de um carpinteiro que passa os dias observando o pai fazer portas. Mesmo que o pai não o ensine de forma intencional, ao observar, o filho desenvolve um aprendizado relacionado a quais ferramentas são utilizadas, quais as maneiras de moldar a madeira, como anexar uma à outra, entre outras particularidades. Muitos dos ensinamentos adquiridos por meio da educação informal estão associados às heranças e tradições culturais.

Quando abordamos a área da educação musical devemos considerar que a música está presente em grande parte dos ambientes sociais, partindo desde lugares específicos como clubes, teatros, igrejas, e indo para além, como consultórios médicos, lojas, restaurantes, veículos automotores, entre outros. Esse contato amplo com a música pode contribuir para despertar o interesse das pessoas por saber mais sobre, bem como o interesse em aprender tocar algum instrumento musical, sendo assim há a possibilidade dessas pessoas buscarem espaços que forneçam esse conhecimento.

Ao analisarmos estudos anteriores, comumente encontramos perspectivas que abordam e dialogam sobre uma educação musical que não se limita apenas a ambientes institucionalizados e estruturados, como conservatórios e escolas de música, podendo assim essa forma de educação acontecer em diversos ambientes e contextos distintos. Sobre essa perspectiva Souza (2001) pontua que:

(...) crianças e jovens talvez “aprendam” música, hoje, mais em seus ambientes extra-escolares do que na escola propriamente dita, pois não há dúvida de que é possível aprender e ensinar música sem os procedimentos tradicionais a que todos nós provavelmente fomos submetidos. (SOUZA, 2001, p. 85)

Deste modo a quantidade de espaços propícios ao desenvolvimento de conhecimentos e habilidades relacionados a música é bem ampla. Além disso, a música e o fazer musical estão fortemente entrelaçados à cultura, dado que a música é uma forma de representação e expressão, é um produto cuja sua estrutura está repleta de valores, significados e identidades. Considerando este fator, a busca pela obtenção de conhecimentos e desenvolvimento de habilidades musicais também apontam elementos relacionados à subjetividade e à formação de identidades pelos indivíduos, ainda que de maneira inconsciente. Sobre a constituição de identidades Hall comenta que:

Nossas identidades são, em resumo, formadas culturalmente. Isto, de todo modo, é o que significa dizer que devemos pensar as identidades sociais como construídas no interior da representação, através da cultura, não fora delas. Elas são o resultado de um processo de identificação que permite que nos posicionemos no interior das definições que os discursos culturais (exteriores) fornecem ou que nos subjetivemos (dentro deles). Nossas chamadas subjetividades são, então, produzidas parcialmente de modo discursivo e dialógico (HALL, 1997, p. 26).

Portanto, é relevante refletirmos sobre fatores que podem estar relacionados às motivações dos indivíduos para aprender música e tornar-se músico, procurando identificar e compreender possíveis valores, representações e sentidos que orientam os indivíduos e formam a identidade do músico popular profissional do município de Graça.

Durante a formação de um músico profissional, podem existir diversos impasses que são enfrentados em qualquer contexto de socialização, seja em cidades grandes ou pequenas, Esses impasses podem surgir de várias formas, tais como condições financeiras limitadas, problemas familiares, fundamentalismo religioso, ausência de espaços e/ou professores específicos para o ensino de música, além de possíveis dificuldades para ser inserido no mercado de trabalho e à sua permanência.

No município de Graça, interior do estado do Ceará, não é oferecido ensino de música institucionalizado, pois não há escolas ou conservatórios, deste modo torna-se difícil o direcionamento para a inserção dos músicos no mercado de trabalho. Entretanto, apesar disso um número considerável de músicos residentes e originados do município atua profissionalmente no cenário musical da região. Tais questões despertaram a curiosidade em investigar como alguns indivíduos superam os impasses e conseguem se profissionalizar. Assim, pretende-se investigar como ocorrem os processos formativos e de profissionalização dos músicos de um pequeno município no interior do Ceará. Quando relacionamos tais pontos ao contexto específico dos músicos populares profissionais de Graça, surgem alguns

questionamentos, pois mesmo encontrando-se ausente de conservatórios ou escolas de música o município conta com um número considerável de músicos profissionais. Partindo desta realidade surge a problemática da pesquisa: Como ocorrem os processos formativos e profissionalizantes dos músicos populares profissionais do município de Graça-CE, visto que, a cidade não dispõe de conservatórios ou escolas de música em atividade? E além disso, o que representa ser um músico popular profissional para os músicos deste município?

Contudo, antes de partirmos para a fundamentação bibliográfica a qual norteia este trabalho, é importante realizarmos uma contextualização acerca do município de Graça, e o seu cenário artístico cultural, a fim de que possamos obter uma visão mais próxima da realidade a qual os profissionais da música participantes dessa pesquisa provém. Sendo assim, a estrutura deste trabalho irá partir do Cenário artístico cultural do município de Graça, em seguida abordará o que a literatura apresenta sobre a Educação musical, e a formação de identidades sociais relacionadas, dando ênfase à identidade músico popular profissional. Posteriormente, apresentará a metodologia utilizada na pesquisa, bem como os resultados obtidos e a confrontação com o que a literatura apresenta. Por fim, chegando às considerações finais.

2. CENÁRIO ARTÍSTICO CULTURAL DO MUNICÍPIO DE GRAÇA

Graça é um município localizado na região noroeste do Estado do Ceará e fica, aproximadamente, a 307 quilômetros da capital do estado, e, a aproximadamente 74,6 quilômetros da cidade de Sobral. De acordo com os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2020, o município possuía uma população estimada de 14.407 pessoas e sua área territorial correspondia a 258.942 km² (IBGE, 2020).

Figura 1 – Mapa da região Metropolitana de Sobral



Fonte: Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará. Região Metropolitana do Sobral. (IPECE, 2007)

Na cena cultural do município costumam atuar grupos musicais de diversos gêneros, como forró, sertanejo, pagode, rock, entre outros, e em sua maioria são formados por dois ou três integrantes. Além desses grupos, também fazem parte da vida cultural da cidade músicos instrumentistas conhecidos como rabequeiros, as quadrilhas juninas, grupos de capoeira, os grupos de reisado e grupos de dança, bem como a Banda de Música Municipal de Graça. Graça é um município que atrai público de outras regiões. Além dos atrativos culturais, grande parte disso também se deve ao município deter de um ponto turístico conhecido como Cachoeira do Belizário.

A Secretaria de Cultura da Prefeitura Municipal da cidade organiza regularmente eventos culturais anuais como o Festejo de Nossa Senhora das Graças no mês de agosto, feiras de artesanatos, apresentações musicais e, também, alguns eventos com caráter de mostras artísticas dos conhecimentos adquiridos em atividades trabalhadas no decorrer do ano, tais como: "O som que dá graça", "GraçaArt", "Jovens solistas", e "A graça que o Graça tem".

Figura 2 – Apresentação da turma de percussão do Projeto "O som que dá Graça"



Fonte: Arquivos pessoais (2017)

Figura 3 - Apresentação de quadrilhas juninas em Graça - Ce



Fonte: Arquivos pessoais (2016)

Estes eventos direcionados para mostras artísticas visam garantir o desenvolvimento das políticas públicas voltadas para a valorização social, cultural e econômica da população. Neles são realizadas diversas atividades, tais como, declamação de poesias, peças teatrais, encontro de bandas de música municipais, apresentação de grupos, dentre eles, os grupos de violões, flautas doce, percussão, rabequeiros, quadrilhas juninas, dança com idosos, canto, entre outros.

Os eventos em questão contribuem para promover o fortalecimento do cenário artístico local, trazendo mais visibilidade, para a cultura e para os artistas participantes das atividades, também traz apoio às pessoas interessadas em trabalhar com a arte, contribuindo com inclusão

e orientação em ambientes propícios à construção e desenvolvimento de habilidades artísticas, além de promover entretenimento para a população, que se desloca até as praças públicas onde os eventos são realizados. Além dos eventos realizados pela Secretaria de Cultura do município, festas oriundas de iniciativas das empresas locais ocorrem com frequência. Nestas festas acontecem contratações de grupos musicais visando tornar o ambiente da empresa mais dinâmico e interativo, a fim de atrair um maior número de consumidores.

Figura 4 - Festa com participação do grupo Fabrício Cantor e Forró Revelações.



Fonte: Arquivos pessoais (2022)

Em abril de 2023, a Escola de Ensino Fundamental Pedro Neudo Brito, escola da rede pública do município, realizou um projeto chamado “A musicalidade Gracense”. Este projeto teve o intuito de valorizar, parabenizar e prestigiar os músicos do município. Portanto, a medida adotada para alcançar este objetivo foi a realização de uma exposição com fotos desses músicos e um breve currículo de cada um, sejam eles profissionais ou não. Além disso, alguns deles realizaram apresentações musicais. Para que essa exposição pudesse acontecer, a equipe da escola implementou um levantamento da quantidade de músicos do município que estivessem interessados em participar da exposição. Esta medida trouxe um quantitativo de 52 músicos, sendo eles atuantes em diversos gêneros musicais.

Figura 5 - Exposição do Projeto “A musicalidade Gracense”



Fonte: Arquivos pessoais (2023)

No entanto, o quantitativo de músicos apresentado pelo Projeto “A musicalidade Gracense” abre espaço para maior ênfase no questionamento: Como os músicos do município de Graça aprendem música? Uma vez que a presença de escolas ou conservatórios direcionados a educação musical em atividade no município é inexistente. Eventualmente surgem projetos com caráter de ensino/aprendizagem musical, todavia são projetos ligados à prefeitura municipal e que não detêm de uma continuidade prolongada, visto que sua maioria dura menos de um ano em atividade e não há um retorno dos mesmos após sua interrupção. Portanto é importante investigar os caminhos que os músicos trilharam em sua formação.

3. EDUCAÇÃO MUSICAL

Considerando a circunstância de que para serem inseridos no mercado de trabalho os músicos precisam passar por atividades formativas, atividades estas que contribuem para o aprendizado e desenvolvimento de ferramentas as quais irão utilizar durante sua trajetória, pontua-se que a principal delas é a Educação musical. Todavia surgem questionamentos sobre como os músicos realizam o contato com essas atividades, em quais ambientes isso acontece, bem como quais fatores estão relacionados a esses processos, tais como: motivação, convívios sociais, a cultura que engloba a realidade de cada indivíduo, entre outros.

A educação musical está diretamente relacionada ao desenvolvimento de habilidades e competências que envolvem a percepção e reprodução de elementos rítmicos, harmônicos e melódicos. Proveniente das pesquisas de autores como Lacorte & Galvão (2007), e Green

(2000), foi possível observar que as ações de tocar, compor e ouvir são características comuns do processo de educação de músicos populares, onde o tocar e compor estão vinculados a formas de experimentações sonoras e a atividades musicalmente criativas respectivamente. Entretanto a escuta, o “ouvir”, foi enfatizado como característica presente e implícita nas duas ações anteriores, sendo ele então, fundamental para que as demais ações sejam alcançadas. Dessa forma, dentre os caminhos e estratégias utilizadas para que o desenvolvimento das habilidades e competências musicais seja alcançado, está presente o “ouvir”.

O “ouvir” é parte essencial desse processo. Com isso, quando nos referimos ao ouvir relacionado à educação musical, trazemos uma abordagem na qual a ação de ouvir acontece de uma maneira diferente da que estamos habituados no nosso dia a dia. Essa forma de escuta a qual nos referimos, acontece de maneira ligada à decodificação e compreensão dos elementos musicais presentes nos contextos e ambientes de aprendizado aos quais os indivíduos estão inseridos. Tendo isso em mente, abrimos espaço para discutir sobre uma perspectiva que aborda os diferentes tipos de escuta, e sobre quais estratégias são utilizadas para ter um bom progresso neste processo de educação musical. O ouvir utilizado neste processo, torna-se uma escuta diferente para cada situação e estratégia a ser empregada durante a aprendizagem. Sobre isso, Green (2000) divide e categoriza a escuta em três tipos aos quais os refere da seguinte forma: Escuta intencional, Escuta atenta, e Escuta distraída.

Em sua abordagem, Green (2000) conceitua a Escuta intencional como aquela que é utilizada objetivando aprender algo, é uma forma de escuta que busca focar nos elementos ali presentes, a fim de que possa criar uma espécie de notação mental ou escrita e armazenar as informações obtidas, possibilitando reproduzi-las em outros momentos e/ou contextos, bem como utilizá-las para analisar e estabelecer relações em alguma forma de exercício. Como exemplo disso podemos citar um músico que precisa aprender músicas de um determinado repertório para realizar um evento tocando *covers* de canções. Este músico utiliza da Escuta intencional para ouvir as canções a serem apreendidas, e a partir dali compreender e estabelecer padrões e detalhes que irão compor a execução da canção no momento ao qual será a vez desse músico de reproduzi-la.

Já a Escuta atenta é semelhante a Escuta Intencional se considerarmos o nível de atenção que ela adota, visto que o nível de atenção pode chegar a ser o mesmo ou próximo da intencional. A característica que as tornam distintas se dá pela escuta atenta não ter a finalidade de tomar um aprendizado a partir daquilo, ela não se dá com o intuito de lembrar, trazer comparações ou estabelecer estruturas musicais. Podemos encontrar exemplos desse tipo de escuta em casos de apreciação musical, onde o ouvinte está atento aos detalhes que

integram a música, mas ele não tem o propósito de fazer daquilo um conhecimento visando reproduzi-lo em outros momentos.

Por fim, a Escuta distraída consiste em ocasiões em que a música está sendo ouvida mas, de uma maneira despreziosa, compondo parte do ambiente mas sem nenhuma finalidade de aprendizado, portanto sendo utilizada apenas como forma de entretenimento, descontração ou diversão, como é o caso de um grande número de pessoas que ouvem música em restaurantes, festas, viagens entre outros. Todavia, Green (2000) também pontua que os limites entre esses tipos de escuta não são fortemente estabelecidos, podendo, assim, uma pessoa transitar entre eles com facilidade. Partindo dos conceitos e discursos propostos pelos autores é relevante pensar de quais maneiras eles se relacionam em cada contexto de educação musical, a fim de desenvolver as competências e habilidades necessárias aos músicos, bem como, quais estratégias de ensino/aprendizagem estão envolvidas em cada um deles. Sendo assim, iremos abordar as características envolvidas nos contextos de educação musical formal, não formal e informal.

3.1 Categorização de contextos de Educação Musical na Literatura: Uma breve revisão bibliográfica

3.1.1 Educação Musical Formal

Ao nos depararmos com a expressão “Educação musical formal”, em primeiro contato, pode-se intuir que se trata de educação musical em ambientes formais como conservatórios e escolas de música, sejam estas de iniciativas públicas ou privadas. Todavia, esse contexto de educação não está limitada apenas a estes espaços, uma vez que pesquisadores a conceituam como processos de ensino e aprendizagem nos quais há intencionalidade de ensinar/aprender, assim como são estruturados e sistematizados. Seguindo o conceito de educação definido por Libâneo (2010), podemos afirmar que a educação musical pode acontecer em espaços distintos, inclusive possibilitando até mesmo que ela chegue dentro da residência dos indivíduos interessados em conhecer, formar e desenvolver habilidades e competências musicais. Assumpção (2003), por sua vez, discorre sobre uma educação musical na qual a reflexão teórica precisa estar associada à experiência. Portanto, a análise e a intuição trabalham em conjunto, contribuindo para que o aluno além de aprender sobre música, também aprenda como fazer música.

Dentro da educação musical formal, é possível observar que as atividades são trabalhadas seguindo níveis pré-estabelecidos a fim de que o aluno percorra um processo progressivo, compreendendo quais elementos fazem parte da música, e aprendendo como fazer. Os níveis são estipulados considerando os elementos que acredita-se serem importantes para uma educação musical, assim como as dificuldades que possam estar presentes no aprendizado dos mesmos. Não menos importante, também pondera-se as capacidades que possam vir a ser pré-requisitos para o desenvolvimento de conhecimentos e da execução técnica envolvida. Dessa forma, é presente uma preocupação relacionada a quais métodos podem ser utilizados pelos professores para que os alunos desenvolvam as habilidades propostas em cada nível e alcance os resultados almejados. Para esta categoria, é possível estabelecer relação com escolas de música em que apresentam divisões de turmas de canto, percepção, harmonia, musicalização infantil e de diversas práticas instrumentais entre os níveis iniciante, básico, intermediário e avançado. Como é o caso da Escola de Música de Sobral (EMS) Maestro José Wilson Brasil, escola localizada em Sobral, um município no interior do estado do Ceará. As atividades da Escola de Música de Sobral estão ativas há 24 anos e têm um papel muito importante na formação de músicos do município, bem como, no desenvolvimento do cenário artístico cultural do mesmo. Em sua constituição estão presentes turmas em diversas categorias como canto, contrabaixo elétrico, guitarra, violão, cordas friccionadas, sopros, bateria, teclado, musicalização infantil, entre outros. Além dessas divisões, as turmas também são subdivididas em níveis de acordo com o grau de dificuldade da execução dos conteúdos abordados, e a cada semestre os alunos passam para o próximo nível a depender de seu progresso.

Nos casos onde a educação musical formal acontece fora dos espaços de ensino tradicionais é recorrente a presença de professores de música que ministram suas aulas no próprio domicílio de seus alunos. A esse respeito, Lacorte e Galvão (2007), em sua pesquisa, ressaltam que vários músicos participantes da investigação relataram ter frequentado algum curso regular de música por um determinado período de tempo, mesmo que não fosse em espaços tradicionais. Desta forma os autores destacam aulas particulares de piano que acontecem em espaços alternativos aos conservatórios e escolas de músicas, e em concordância com a perspectiva abordada por Bozzetto (2004) pontuam:

Segundo Bozzetto (2004), no Brasil, professores particulares de piano têm papel significativo no ensino de música fora das instituições escolares tradicionais. Esses profissionais trabalham, geralmente, na própria casa ou no domicílio do aluno “educando crianças, jovens e adultos, preparando músicos e/ou futuros profissionais da área” (BOZZETTO, 2004, p. 11 *apud* LACORTE & GALVÃO, 2007, p. 34)

Para além dos professores(as) de piano, também é comum professores(as) de violão realizarem aulas no domicílio de seus alunos. Essas ações contribuem para o desenvolvimento de uma maior acessibilidade à educação musical formal, do mesmo modo que auxilia no ensino personalizado atendendo as demandas de dúvidas, dificuldades e particularidades de cada aluno.

Em suma, é presente dentro da educação musical formal uma estrutura que norteia o trabalho a ser realizado. Com isso, abre margem para a elaboração de currículos pelos quais darão ênfase a elementos e competências que a instituição/professor individual, considera relevantes para o aprendizado. Dentre as competências que podem ser trabalhadas, estão presentes a técnica vocal e técnicas utilizadas em instrumentos, conhecimento de harmonia, conhecimento de acordes, percepção rítmica e melódica, entre outros. Lacorte e Galvão (2007) ressaltam:

Assim, as diferentes áreas que compõem o caleidoscópio de atuação dos músicos populares exigem o desenvolvimento de várias outras habilidades, que vão muito além de uma capacidade de ter um bom ouvido. Aspectos técnicos e de interpretação, improvisar, conhecer cifras, tablatura e/ou partitura, tocar seqüências harmônicas e escalas, acompanhar e/ou fazer solos em diferentes contextos, dominar um vasto repertório musical são algumas dessas habilidades freqüentemente implícitas no trabalho desses profissionais. (LACORTE & GALVÃO, 2007, p. 31)

Embora apontem uma perspectiva pela qual diversas competências sejam desenvolvidas e trabalhadas durante a educação musical, os autores levantam em sua pesquisa discussões sobre a frequente recorrência de relatos relacionados ao termo que foi referenciado como ser um músico “bom de ouvido”, ou ainda, ter um “bom ouvido” para música. De acordo com os relatos observaram que o termo “bom ouvido” não foi definido pelos participantes da pesquisa. Entretanto, foi possível observar em seus discursos que houve uma relação direta do termo “bom de ouvido” ou ter um “bom ouvido” com a capacidade de ouvir, perceber, compreender e reproduzir elementos musicais com determinada facilidade. Tais levantamentos contribuem para estabelecer relação com a percepção musical e a importância que ela tem na formação de cada músico, bem como, de quais maneiras ela é trabalhada em cada contexto de ensino e aprendizagem.

Silva (2008) destaca algumas características que constituem a percepção no contexto musical de modo que enfatiza um caráter pelo qual o ouvir se associa a identificação dos elementos musicais presentes, bem como, a classificação desses elementos e de quais maneiras eles podem ser utilizados.

A Percepção, dentro do contexto musical, é vista como uma habilidade auditiva onde o indivíduo pode, além de ouvir, identificar e classificar os elementos musicais que lhes foram apresentados. O ouvir acontece de forma que possa surgir uma resposta ao estímulo oferecido, seja envolvendo o entendimento rítmico de determinado trecho com a capacidade para transcrevê-lo bem como saber ouvir e passar para seu instrumento. Outro fator interessante é o comportamento da fisiologia do aparelho auditivo que trabalha objetivando a codificação das informações oferecidas ao sistema auditivo, por sua vez, a Percepção Musical também trabalha buscando promover o desenvolvimento destes sentidos para que seja possível uma decodificação dos elementos musicais que são apresentados durante determinada atividade auditiva. (SILVA, 2008, p.23)

Portanto podemos considerar a percepção musical como competência essencial no processo de educação musical, uma vez que ela contribui na compreensão, codificação e execução dos elementos musicais. Dada esta consideração, é válido destacar de quais maneiras a percepção musical é trabalhada nas categorias de educação musical. Ao relacionar os diferentes tipos de escuta propostas por Green (2000), Silva (2008) levanta a pauta de que ao discutir sobre a percepção musical em espaços onde há a educação musical formal, é recorrente a utilização de uma escuta intencional associada a aplicação de ditados rítmicos e/ou melódicos, ouvir e descrever/executar o que foi ouvido, solfejos, e demais atividades como formas para alcançar o desenvolvimento desta competência.

No que se refere às formas de desenvolvimentos das demais competências citadas anteriormente, é usual em contextos de educação formal a utilização de procedimentos semelhantes aos de percepção, visto que partem da exibição sobre fundamentações teóricas como forma de constituir uma visão inteligível dos elementos musicais, e, concomitantemente a isso, é utilizado a aplicação de exercícios que visam pôr em prática os conhecimentos abordados. Nas técnicas de instrumentos são utilizados exercícios para digitação das notas, aplicação de escalas musicais, subdivisões rítmicas, formação de acordes, interpretação rítmica e melódica, e assim por diante. Na técnica vocal, são trabalhados exercícios de consciência corporal, fortalecimento da musculatura utilizada, afinação, formas distintas para a produção de sons, interpretação de estilos musicais, e além. No que diz respeito ao conhecimento de harmonia, são trabalhadas funções harmônicas, campo harmônico, formação de acordes, entre outras coisas.

3.1.2 Educação Musical Não Formal

Libâneo (2010), ao dissertar sobre formas de ensino e aprendizagem fora de ambientes formais conceitua a educação não formal como um contexto de educação no qual existe uma

intencionalidade do ensinar/aprender, porém, em contrapartida, não dispõe de um sistema educativo estruturado, em níveis progressivos pré estabelecidos. Quando relacionamos esse contexto de educação à música, alguns termos surgem com frequência na literatura. Dentre eles está presente o termo “Músico autodidata”. A partir da pesquisa de Gohn (2003), Lacorte e Galvão (2007) concluem que, no que se refere a aprendizagem autodidata, as pessoas têm uma liberdade maior quanto aos conteúdos e as maneiras pela qual irão desenvolver seus estudos, podendo assim montar a sua própria programação visando atender suas necessidades considerando os seus objetivos pessoais.

Deste modo, cada indivíduo busca maneiras de desenvolver as competências citadas anteriormente, seja buscando orientação com algum músico mais experiente, lendo, livros, revistas ou artigos, assistindo a vídeo aulas, ou até mesmo ouvindo uma maior variedade de músicas e gêneros musicais, assim contribuindo com o seu repertório de referências. Nesse contexto de educação também é comum os conhecimentos sobre música serem transmitidos entre familiares, como pais e tios, ou ainda por amigos que já tocam algum instrumento ou cantam, além de grupos como corais e bandas de igrejas, bandas de música municipais, bandas filarmônicas e afins.

Espaços religiosos como Igrejas Cristãs, utilizam da música como forma de adoração, deste modo, alguns membros passam a integrar corais e bandas ali presentes. Estando imersos nesses grupos de corais e bandas, os integrantes do grupo que fazem parte a mais tempo incentivam e transferem parte dos seus conhecimentos aos mais novos com o intuito de motivá-los, promover e agregar noções e elementos que desenvolvam seu lado musical, seja por meio do ensino de instrumentos, do canto de músicas que englobam o contexto religioso, ou até mesmo por meio de brincadeiras e tira dúvidas durante ensaios. Na pesquisa de Novo (2015), o autor discute a importância do rodízio de integrantes que a banda da Primeira Igreja Presbiteriana da Paraíba - PIPJP, realiza em virtude da grande quantidade de músicos participantes da mesma. Segundo o autor, o coordenador da banda implementava uma escala de músicos que irão tocar em determinados dias. Com isso, todos os membros tocam uns com os outros.

Tal fato contribui para que os músicos iniciantes tenham os músicos mais experientes como uma forma de apoio, e um meio para gerar experiências musicais significativas, além de contribuir para o aprimoramento técnico que desejam. Isto se torna mais evidente no discurso de um dos entrevistados participantes da pesquisa de Novo(2015). Pois, como afirma o autor:

[...] aspectos esse, encontrado entre os grupos musicais da PIPJP, onde aqui se destaca a banda. De acordo com Cássio, integrante da *Banda*, durante os ensaios “o integrante do grupo com mais conhecimento musical tira as dúvidas e orienta quanto às questões musicais relacionadas aos acordes, ritmos da música, entre outras”. (NOVO, 2015. p.67).

Considerando os elementos mencionados, outros tipos de grupos também podem ser caracterizados como ambientes propícios à educação musical não formal, como é o caso dos grupos de reisado (grupos que cantam e dançam nas véspera do dia de reis), baterias de samba, grupos do gênero de música popular conhecido como Choro, grupos de capoeira, entre outros. Em grupos de reisado é comum os músicos integrantes se reunirem semanas antes do início das festividades para ensaiarem as canções que compõem sua apresentação. Com isso, a partir de ensaios, de diálogos com outros músicos mais experientes desses grupos, assim como ouvindo e assistindo apresentações passadas, os músicos trabalham e desenvolvem habilidades relacionadas à linguagem e estilo musical presente nesse contexto de reisado. No que se refere ao desenvolvimento da linguagem e estilo musical, os demais grupos citados também se enquadram nessa característica.

Além disso, é possível evidenciar a contribuição que os meios de comunicação têm no processo de aprendizagem de músicos, visto que manuseando as ferramentas de comunicação atuais como computadores e celulares pode-se encontrar grande diversidade de informações pertinentes associadas a música e ao ensino/aprendizagem de elementos musicais. Alves (2022) enfatiza as transformações digitais ocorridas na sociedade desde o início do século XXI, pontuando o uso que as pessoas empregam à internet no que diz respeito a aquisição de informações e utilização das mesmas para fins diversos. Bem como, ressalta a grande quantidade de público que a internet possibilita atingir, e a redução do espaço e tempo que as informações precisam percorrer até chegar no consumidor final.

Sites como Cifra Club¹, Youtube², Moises³, e outros, que possibilitam a comunicação entre pessoas de locais diferentes em diversos horários do dia associados ao fato de que podem ser acessados a partir de quaisquer pontos que tenham acesso a internet, têm grande influência na distribuição de conteúdos relacionados à música e em métodos que contribuem para o seu ensino/aprendizagem. O site Cifra Club apresenta aulas gratuitas de diversos instrumentos e de canto em formato audiovisual. Enquanto Moises, utiliza de inteligência

¹ <https://www.cifraclub.com.br>

² <https://www.youtube.com>

³

https://moises.ai/pt/?gclid=Cj0KCQiAtOmsBhCnARIsAGPa5yYqDWNz1ET9MUz1My1VSwDia1M3eP-Fp4ZrH07lo6ShGdNSgK9JbcUaAgJWEALw_wcB&utm_medium=cpc&utm_term=moises&utm_source=google&gad_source=1

artificial, para realizar a separação de faixas de áudio musicais por categorias de instrumentos, assim como, identifica e altera os andamentos, tonalidades e acordes presentes nas músicas submetidas a ele. Essas ações auxiliam na obtenção e desenvolvimento de uma melhor compreensão dos elementos musicais ali presentes pelos indivíduos que a utilizam.

3.1.3 Educação Musical Informal

No contexto de educação musical informal é recorrente um processo de educação que, por muitas vezes, encontra-se ausente da intencionalidade do ensino/aprendizagem, em virtude da circunstância pela qual esse contexto de educação acontece. É um contexto de educação que está diretamente ligado ao convívio social dos indivíduos, podendo assim acontecer em diversos espaços e tendo a possibilidade de adquirir os seus primeiros contatos em diversas fases da vida mesmo que de maneira não intencional. Ao estudar pesquisadores da área, observamos que problematizam as maneiras pelas quais acontecem os primeiros contatos que os indivíduos têm com a educação musical e sua continuidade. Os estudos apontam que, normalmente, os primeiros contatos acontecem dentro do eixo familiar, círculos de amigos, ou até mesmo com vizinhos. Lacorte e Galvão (2007) pontuam que se tratando do contexto familiar frequentemente esses primeiros contatos surgem de uma maneira despreziosa, ou até mesmo de forma lúdica, aprendendo brincando, estimulados pela curiosidade. Em sua pesquisa, a maioria dos entrevistados menciona o fato de que não tiveram professores formais de música e que aprenderam sozinhos, brincando e experimentando as possibilidades sonoras que instrumentos convencionais como o violão poderiam trazer, bem como as de quaisquer utensílios e materiais que produzissem sons.

Nesses casos realizaram uma associação com a característica dos pais, ou algum parente próximo já tocar algum instrumento musical, ou possuírem o hábito de cantar/ouvir música com frequência. Assim, por estar imerso nesse ambiente o indivíduo pode, progressivamente, tornar-se familiar com alguns elementos musicais mesmo que muitas das vezes de maneira não-intencional ou ausente de embasamento teórico. Para além da infância, período da vida em que o contato com os familiares é mais frequente e intenso, destaca-se também a importância que os amigos têm no processo de educação musical, pois, de acordo com Lacorte e Galvão (2007, p.30), “Quando não há tradição familiar de tocar instrumentos musicais, os amigos representam os primeiros “professores” e incentivadores da prática musical.” Do mesmo modo, este aprendizado é constituído de um conjunto de ações, tais como assistir e ouvir outros músicos, ter diálogos sobre música, entre outros. Mas também há

casos onde o conhecimento se torna mais abundante a partir do processo criativo de fazer/compor e tocar música em conjunto. Essa interação proporciona uma troca de saberes, tanto musicais quanto sociais

Na pesquisa realizada por Lacorte e Galvão (2007), todos os participantes entrevistados relataram a importância que os amigos tiveram em seu aprendizado musical, bem como no incentivo e influência em suas escolhas e construção de identidades.

Todos os entrevistados declararam que aprenderam muito na convivência com amigos. O interesse pela música, bem como a escolha de repertório e do instrumento, foi, muitas vezes, influenciado por essa rede social. Ao contrário da infância, durante a qual a criança convive mais intensamente no seio familiar, na adolescência, grupos com características e interesses semelhantes tendem a se reunir com intuito de estabelecer vínculos e construir identidades próprias. Dessa maneira, a formação de bandas de música é uma prática muito comum. (LACORTE & GALVÃO, 2007, p. 33)

Dessa forma podemos considerar que o contato com amigos que já tocam algum instrumento ou que também estão na busca por desenvolver essas habilidades produz uma relação de apoio mútuo promovendo a troca de saberes, ensinamentos e experiências musicais, contribuindo significativamente para a formação de ambas as partes envolvidas. Portanto nos contextos de educação musical informal, é forte a influência que o meio social do indivíduo tem sobre ele desde os seus primeiros contatos com elementos musicais. Tendo em mente as perspectivas defendidas pelos autores, vale ressaltar que cada indivíduo inserido no processo de educação musical não está limitado exclusivamente a um dos contextos de educação discutidos, assim, podendo transitar entre eles durante sua formação.

4. METODOLOGIA

4.1. Amostra da pesquisa

A fim de levantar dados e informações para compreender melhor os processos pelos quais os músicos do município de Graça-CE passam durante sua formação musical, o universo de investigação da pesquisa tem como base músicos provenientes do município de Graça-CE que atuam profissionalmente no município e regiões próximas. Considerando os limites de tempo disponível para realização da pesquisa, optamos por uma mostra viável e representativa de cinco músicos participantes, selecionados de modo que pudesse contemplar a maior variedade possível de categorias de instrumentos. Considerando o fato que no município há uma variedade de músicos de idades diferentes, a escolha dos participantes por

categoria de instrumentos possibilita uma visão mais abrangente tanto dos processos de educação musical, quanto de quais maneiras ele aconteceu nas gerações de cada músico participante da pesquisa. Portanto, a amostragem da pesquisa constitui-se em: Um músico instrumentista de sopros (Saxofone), um instrumentista de percussão (Bateria), um instrumentista de teclas (Teclado), um instrumentista de cordas dedilhadas (Violão), e um cantor.

4.2. Método de pesquisa

A delimitação do número de cinco músicos participantes na pesquisa, foi importante, dado que, deste modo, foi possível desenvolver e realizar um tipo de procedimento/abordagem que permitiu um melhor aprofundamento nos dados coletados baseando-se nas experiências levantadas nos discursos dos músicos participantes. Dessa forma, contribuiu para que o método de pesquisa em questão seja caracterizado como de abordagem qualitativa, visto que a amostra possibilitou dar maior ênfase às nuances de cada músico e cada trajetória de formação. Nesta investigação tratamos de pontos que ressaltam as maneiras pelas quais os músicos do município de Graça aprendem música, os possíveis ambientes e espaço que possam ter contribuído de alguma forma em suas formações, as estratégias de estudo que adotaram no decorrer do processo educativo, os sentidos que ser músico profissional trazem para eles, as possíveis influências de familiares ou amigos durante suas trajetórias, entre outros.

Para que fosse possível realizar a elaboração do questionário utilizado nesta pesquisa, assim como a análise aprofundada proveniente dos discursos dos músicos participantes, foi necessário realizar um estudo bibliográfico para conhecer o que a literatura apresenta sobre os temas importantes relacionados à pesquisa, tais como educação, educação musical, identidade cultural, processos de ensino e aprendizagem, profissionalização musical, e afins. Deste modo, em sua grande parte a abordagem teórica que fundamentou este trabalho é baseada nas formulações teóricas abordados por Libâneo (2010), assim como, Lacorte e Galvão (2007), entre outros autores e pesquisadores.

4.3. O instrumento de coleta de dados

Para a execução da coleta de dados elaboramos um questionário composto por vinte perguntas, de modo que contemplar com aprofundamento e escopo aspectos relacionados às

atividades formativas e de profissionalização, tais como: em quais ambientes de ensino os músicos participantes aprenderam música, quais competências e habilidades consideram importantes para um músico profissional, de quais formas desenvolveram tais habilidades, quais foram as possíveis dificuldades que tiveram durante o processo, se houve influência de amigos ou familiares, assim como perguntas relacionadas à gosto musical, o que representa ser músico profissional para eles, entre outros. Associado ao questionário também foi utilizado de aparelho celular para gravação de áudios durante a execução das entrevistas, as gravações ocorreram a fim de garantir uma análise detalhada das informações repassadas pelos participantes.

4.4. O procedimento de coleta de dados

Após a leitura crítica de publicações da literatura especializada e reflexão sobre o referencial teórico foi elaborado um questionário com perguntas que contemplam aspectos para serem analisados, dentre eles estão incluídos fatores como: aprendizado em ambientes/contextos de ensino formal ou informal, em bandas de bairro ou grupos onde de alguma forma havia contato com a música, associações, entre outros. Após a elaboração do questionário, as entrevistas foram realizadas. Para realizar a entrevista, adotamos como referencial teórico o conceito de entrevista na pesquisa social proposto por Colognese e Melo (1998), que a define da seguinte forma:

A entrevista pode ser definida como um processo de interação social, no qual o entrevistador tem por objetivo a obtenção de informações por parte do entrevistado. Enquanto técnica de obtenção de informações, trata-se de uma conversa interessada, orientada pelo entrevistador para fins de pesquisa, pela qual objetiva-se aprender informações sobre o comportamento e a consciência dos sujeitos investigados, tanto quanto possível, em seu estado dado, objetivo. Quer dizer, com a entrevista busca-se recolher certas informações concernentes a um objeto específico. (COLOGNESE & MELO, 1998 p.143).

Sendo assim, a entrevista parte do pressuposto no qual o entrevistado detém de informações que ao serem transmitidas ao entrevistador podem contribuir elucidando questões. Quanto à padronização escolhida para a entrevista realizada, optamos pela Entrevista semi-diretiva (semi-estruturada). Segundo os autores Colognese e Melo (1998), as entrevistas semi-diretivas contam com a formulação de grande parte das perguntas previstas com antecedência, assim como a alocação de cada uma delas na ordem de apresentação. Nessa categoria de entrevista, o entrevistador tem uma participação mais ativa, a qual, apesar de seguir um roteiro e ordem de perguntas pré estabelecidas, o entrevistador também poderá

fazer perguntas adicionais a fim de obter maiores esclarecimentos sobre pontos relevantes, ou também utilizar meios de condução para recompor o contexto.

As entrevistas aconteceram de maneira presencial e individualmente na residência de cada um dos participantes da pesquisa. Após assinado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, foi realizado o uso de aparelho celular para gravação de áudio da entrevista para o melhor aproveitamento das informações obtidas e maior precisão na transcrição dos dados. Com os termos assinados e celular posicionado, foi realizada a etapa de entrevista de forma oral, partindo do questionário com vinte perguntas pré estabelecidas.

5. O MUNICÍPIO DE GRAÇA - RESULTADOS DA PESQUISA REALIZADA

Neste tópico iremos realizar a análise das informações obtidas a partir dos discursos dos músicos do município de Graça que participaram da pesquisa. Para isso, realizaremos uma confrontação entre as reflexões e conhecimentos obtidos na leitura crítica e estudo da bibliografia especializada, com os dados obtidos nas entrevistas, buscando responder os seguintes questionamentos: Como ocorrem os processos formativos e profissionalizantes dos músicos populares profissionais do município de Graça-CE, tendo em vista que a cidade não dispõe de conservatórios ou escolas de música em atividade? Quais são os impasses/dificuldades que eles encontram durante esse processo e quais estratégias utilizam para superar as adversidades. Além disso, o que representa ser um músico popular profissional para os músicos deste município? Para tornar mais clara a compreensão acerca de cada caso específico dos músicos participantes, apresentamos uma tabela que traça um breve perfil de algumas características presentes na trajetória de cada um desses músicos com o intuito de formar uma visão geral ampla antes de fazermos uma análise das trajetórias e experiências de cada um e entrarmos em detalhes.

Tabela 1 - Perfil geral dos músicos participantes da pesquisa.

PARTICIPANTE	1	2	3	4	5
Idade	22	34	34	34	19
Instrumento principal	Saxofone	Teclado	Violão e voz	Bateria	Voz

Exerce outra profissão além de músico	Não	Não	Sim	Não	Sim
Teve acesso a instrumentos	Sim	Não	Sim	Sim, dificultado	...
Teve aprendizados musicais em instituições de ensino, ou com professores particulares	Sim	Não	Sim	Não	Sim
Teve aprendizados musicais em igrejas, bandas musicais, projetos sociais, etc.	Sim	Sim	Sim	Não	Não
Teve aprendizados em contextos informais	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
Utiliza ferramentas tecnológicas para aprender música	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim

5.1. Processos de ensino e aprendizagem no município de Graça

A fim de desenvolver uma melhor compreensão e análise dos dados provenientes das entrevistas, subdividimos algumas categorias relacionadas aos processos formativos e profissionalizantes dos músicos. Sendo assim, as categorias estão dispostas da seguinte forma: Contexto de educação musical formal; Contexto de educação musical informal; Contexto de educação musical não formal; Dificuldades nos processos de aprendizagem e estratégias de superação; Outros aspectos relativos ao processo de aprendizagem.

5.1.1. Educação musical formal

Ao longo da realização das entrevistas emergiram relatos diversos acerca de onde, e como aconteceram os processos de aprendizagem formais dos músicos. Dentre os cinco músicos entrevistados, os participantes 1, 3 e 5 declararam já ter participado de aulas de música em contextos formais. Deste modo, podemos pontuar aspectos relativos ao que o contato com o ensino de música em ambientes formais agregou na trajetória desses músicos. Esse contato trouxe a possibilidade de trabalhar aspectos técnicos de maneira mais objetiva e assertiva, pois a contribuição na transmissão de conhecimento advinda da orientação de professores capacitados para isto e que, validam e ponderam as especificidades da realidade

de cada aluno considerando suas dificuldades e predisposições, traz encaminhamento mais favoráveis para a visualização das possibilidades de caminhos aos quais os alunos podem percorrer a fim de desenvolver as habilidades ou competências musicais de maneira perspicaz e eficiente.

Na literatura, alguns autores como Libâneo (1988), Penna (2010), Giovanni (2000) e Nóvoa (2002) apontam esse exemplo de posicionamento por parte dos professores como a posição de um “Professor Reflexivo”. Nesta perspectiva, o “Professor reflexivo” refere-se ao professor que não se limita a ser apenas um técnico, não se limita a ser apenas um transmissor dos conteúdos que estão dispostos, ele busca ser um professor que reflete sobre a prática de ensinar/aprender, estreita laços buscando desenvolver boas relações com seus alunos, e questiona as maneiras pelas quais as individualidades de cada um deles podem ser atendidas, assim como, desenvolve métodos para que o conhecimento os alcance da melhor forma possível. Ao voltar nossa visão para os relatos dos participantes 1 e 3, foi possível identificar essas características em suas experiências musicais formais. Podemos observar essa nuance no discurso do participante 3.

O participante 3 relatou ter o violão como instrumento principal no cotidiano de seu trabalho. Em seguida, associou o início das suas experiências musicais formais, com o aprendizado que teve em aulas de música promovidas pela escola de ensino médio da rede pública municipal a qual o participante estudava entre os anos de 2011/2012. Em seu relato, o participante 3 narrou uma experiência pela qual pôde ter contato com a instrumentação musical, visto que, o ensino de instrumentos como violão, bateria e teclado era parte integrante das aulas que eram realizadas nesse período. Além disso, quando questionado sobre a existência de alguma experiência relacionada a professores particulares, o participante enfatizou a importância, inclusive afetiva que o professor encarregado durante esse período de aulas na escola de ensino médio teve em sua formação, uma vez que, o professor estendia suas aulas para além do espaço escolar, ofertando aulas de música particulares a fim de atender as necessidades e individualidades do participante.

Participante 3 - “Sim, na época professor (cita o nome do professor) né, que dava aulas lá, e por fora também. Como ele era muito meu amigo ele sempre me dava uma aula por fora também né, dava uma ajuda pra ficar mais ligado”.

Para o questionamento referente a participação em ambientes de ensino formais, assim como o participante 3, o participante 1 ao qual declarou atualmente o saxofone como seu instrumento principal de atuação profissional, relatou ter passado um determinado período

participando de aulas com professor particular. Em seu discurso, o participante 1 relatou um cotidiano de aulas que usufruía de atividades voltadas à parte prática do violão, na qual o tocar músicas era a atividade principal, e os aspectos técnicos eram desenvolvidos a partir do estudo dessas músicas. Esta característica une as questões técnicas e teóricas ao “fazer musical”, ao aprender na prática.

Participante 1 - “As particulares eram... eram bem práticas de violão, a gente ia e estudava uma música em específico, passava a semana estudando ela para apresentar, aí pra aprender questão de dedilhados, acordes, essas coisas”

Além disso, o participante também teve aulas de música em uma instituição de ensino superior. A descrição apresentada para essas aulas corrobora a perspectiva de um ambiente de ensino cuja estrutura contribui para um direcionamento assertivo ao como desenvolver as competências e habilidades musicais.

Participante 1 - “Aa, as aulas na faculdade no instrumento em si, no caso o meu foi saxofone, eram inspiradas pra gente ser professor de música, então eram aulas de... em conjunto no modelo de banda de música, e a gente estudava métodos, estudava arranjos, estudava... estudava elementos específicos técnicos do instrumento, como mecanismos para melhorar a digitação, é escalas, é essa... questão teóricas a respeito do instrumento, e... e técnicas”.

A união do ensino dos aspectos teóricos, com os aspectos técnicos incrementa o ideal do “fazer musical”, de aprender música na prática, abordado por Assumpção (2003). Em seu trabalho o autor dialoga sobre uma concepção de educação musical na qual considera que os aprendizados teóricos precisam estar associados à experiência prática. Para que deste modo, o conhecimento não se limite apenas ao tocar, a ser apenas um técnico que direciona sua visão exclusivamente para a execução da música, mas para que o conhecimento se estenda ao aprendizado de como fazer música.

Portanto, o contato com o ensino de música em contextos formais proveniente de aulas em instituições de ensino ou por meio de professores particulares mostrou ter forte relevância na trajetória dos participantes 1 e 3. Outro fator que desencadeou a formação de espaços que trouxeram contribuições significativas na trajetória do participante 3 foi o desenvolvimento e oferta de projetos relacionados ao ensino de música por parte da prefeitura municipal da cidade. Tais projetos eram abertos ao público, e tinham suas atividades no município apenas por determinados períodos de tempo aos quais não excediam um ano de duração. Os projetos mostraram uma condição bastante oportuna para os músicos, dado que tornou a possibilidade

de obter um ensino de música formal mais acessível, e embora sua participação tenha sido breve, ainda assim trouxeram impactos consideráveis para o participante 3.

Participante 3 - “Eu participei também do projeto O Som Que Dá Graça em 2017 também, participei e no momento pude aprender mais sobre o canto né, na época era com o professor [cita o nome do professor]. participei de corais lá”.
 “Eu participei só de projetos, projetos lá do... a gente montou uma pequena banda no ensino médio quando eu já tocava bem, aí com outros amigos lá que eram alunos também, a gente formou uma pequena banda lá, a banda do colégio, e no O Som que dá Graça, aquele projeto lá que né, a gente fez, até você participou lá né, foi muito legal também. Foi uma pena ter se acabado pois era muito bonito ouvir lá, só o instrumental”.

Outro aspecto interessante referente a isso é a afirmação efetuada pelo participante 4. Este músico destacou a bateria como seu instrumento principal, e quando questionado sobre sua participação em ambientes que ofertavam ensino de música formal, o participante declarou nunca ter tido aulas de música formais. Entretanto, apesar de sua afirmativa, ao longo da entrevista, ao ser questionado sobre as maneiras pelas quais desenvolveu suas habilidades musicais, ele relatou ter participado de “mini cursos” promovidos pela prefeitura municipal da cidade. Este fator reforça a perspectiva relacionada às contribuições que o ensino de música formal trouxe aos participantes, pois, mesmo que o participante 4 considere não ter frequentado aulas de música formais, de algum modo este ensino estruturado proveniente dos minicursos o impactou em alguma proporção.

5.1.2. Educação musical não formal

Considerando as colocações presentes nos discursos relacionados à educação musical não formal feitas pelos músicos participantes da pesquisa, foi possível identificar alguns temas que surgiram com frequência. Dentre estes temas estão inseridos a influência/apoio de familiares ou amigos, autodidatismo e processo de estudo individual, habilidades que foram desenvolvidas por meio desses processos, assim como, a utilização de ferramentas como celulares ou computadores para auxiliar no aprendizado musical. Todos os participantes alegaram ter experiência em ambientes ou contextos onde o ensino de música de forma não formal era presente. Nesse aspecto, de maneira similar aos resultados das pesquisas de Libâneo (2010), Lacorte & Galvão (2007), e Gohn (2003), o fator influência/apoio de familiares ou amigos teve forte efeito para os participantes. Em alguns dos relatos, podemos evidenciar a união e contribuição que a rede de apoio dos participantes exercia, seja por meio da transmissão de conhecimentos onde um indivíduo ensinava ao outro o que sabia, e em seguida o outro fazia o mesmo, como foi abordado nos discursos dos participantes 2 e 5.

Participante 2 - “Sim, eu senti que, na verdade rapaz...já faz tanto tempo já que eu nem... mas teve a passagem pelos meninos lá do Bom Gosto que era na banda né, pra balançar, passei um tempo, eles eram bem profissional né na música, aí deu uma ajudazinha boa, e agente teve início também com a banda do [cita o nome do músico], [cita o nome do músico] na época, todo mundo junto, a gente foi desenvolvendo aos poucos, um pouquinho que um sabia ia ensinando pro outro”.

Participante 5 - “Na verdade foi um primo meu lá do interior que ele cantava antigamente em uma banda “Forró pra balançar” lá do Bom Gosto, aí ele sempre gostou de cantar e tinha um som em casa, um karaokê, aí um dia eu estava andando de bicicleta e ele passou e me chamou pra ir cantar, pra ver como eu me saia né, aí ele gostou, perguntou se eu tinha coragem de botar pra frente, aí a gente foi no outro interior que é do lado vizinho, fomos lá no estúdio de um amigo nosso [Cita o nome do amigo], que ele tem um estúdio lá e toca também vários instrumentos, teclado, sanfona, violão. Aí teve um...como é que eu posso dizer... ele tem assim mais noção...ele fez uns testes lá comigo, e o filho dele também tocava teclado, e aí ele gostou e a gente formou um grupo”.

Ou até mesmo pela criação de competições amigáveis nas quais os indivíduos pertencentes ao grupo de amigos que tinham interesse pela música e por tocar em conjunto se incentivavam e buscavam se superar, gerando um ambiente motivador. Esta característica está evidente na afirmação do participante 1.

Participante 1 - “A inspiração de tocar assim foi por conta de amigos mesmo. Estava começando a tocar também, a gente começou naquele processo juntos, é cada um querendo se superar e querendo tocar em conjunto. Então desde o início a gente se reunia para tocar, até mesmo quando era bem ruizinho assim algumas coisas a gente já tocava, cada um escolhia um instrumento e escolhia algumas músicas, pegava um legião urbana pra tocar em conjunto e esse foi um dos processos eu acho que mais motivadores que era tocar com os amigos, em grupos”.

Dessa forma, a presença de pessoas com interesses em comum aos dos participantes ou que faziam parte da sua rede de apoio, e deste modo compartilhavam seus conhecimentos, resultou em um favorecimento para que parte das suas noções e habilidades musicais pudessem consolidar-se à medida que o contato com essas pessoas acontecia. Todavia, não menos importante, a amplitude das possibilidades de fontes pelas quais os conhecimentos musicais chegaram até os músicos participantes, se tratando de um contexto de ensino não formal, foi uma característica relevante para despertar uma certa autonomia por parte dos músicos. Ao abranger as diversas possibilidades de fontes, houve o favorecimento para o desenvolvimento de uma aprendizagem mais livre e experimental no que se refere aos seus métodos. Esse fator demonstra um certo nível de autodidatismo presente na trajetória dos participantes.

Assim, como proveniente das conclusões de Gohn (2003), Lacorte e Galvão (2007) sobre o autodidatismo, no processo de aprendizagem autodidata cada músico constrói seus próprios métodos. Nesse sentido, ao estarem cientes acerca de algumas habilidades ou competências necessárias ao fazer musical, cada um dos músicos participantes buscou estudar aquilo que sentia ser uma necessidade pertinente ao seu desenvolvimento em cada momento de sua trajetória, além de considerar também as dificuldades e estratégias que poderiam agregar conhecimentos para que esse progresso de desenvolvimento das habilidades e competências musicais fosse possível.

Participante 1 - “No meu estudo pessoal, eu costumo, costumo dividir ele em estudos de escala, de arpejos e de repertório, pelo menos no sax. Quando eu comecei estudar cavaco, eu comecei para brincar, comecei somente adquirindo repertório, aprendendo os acordes, a forma dos acordes, mas no sax eu mantenho esse estudo mais...mais técnico, digamos assim. Divide escalas, arpejos e repertórios. aí no caso... no caso eu tento manter um estudo constante, manter um estudo diário e as maiores dificuldades foi realmente questão de trabalho, faculdade, de não... às vezes não ter tempo para manter esse estudo diário”.

Dentre as estratégias utilizadas no processo de estudo individual que os participantes tiveram, dois aspectos mostraram-se demasiadamente significativos. Tais aspectos estão relacionados com a forma de escuta empregada no aprendizado dos elementos musicais que envolvem percepção, e a utilização de ferramentas como uma fonte de apoio. No que corresponde às características da escuta pela qual os músicos empregaram nos seus estudos foi recorrente a visualização da utilização de uma escuta intencional pelos músicos, considerando que realizaram uma escuta concentrada e analítica dando ênfase nos elementos musicais, em suas características rítmicas, melódicas e harmônicas. Esses parâmetros são similares aos da escuta intencional apresentada na abordagem de Green (2000).

O processo de escuta, atribuída nessas circunstâncias, foi o de uma escuta que buscava criar padrões e associá-los a referências previamente estabelecidas, a fim de compreender melhor como as partes de cada música estavam estruturadas, para que deste modo pudessem usufruir posteriormente desse conhecimento que veio da codificação/decodificação dos elementos musicais.

Participante 4 - “Focar na música, saber o ritmo, como é feito o ritmo, porque tem... sabendo o ritmo da música o... precisa nem saber qual é a música, mas saber como é o pedaço de cada ritmo, como se produz, quando você pega uma música você já...não sabe nem direito qual é a música mas você já sabe, já vai encaixando aqueles pedaços, vai montando a estrutura da música, é como que fosse um alfabeto,

a música na bateria tem vários pedacinhos e quando você começa tocar, você já vai sabendo onde vai se encaixando”.

“Basicamente foram os vídeos né, o ao vivo observava, depois fui tentar reproduzir na bateria, e tive ajuda também de um amigo que já conhecia bateria mais um pouco, e usei a mesma estratégia: observar como é que era, sem perguntar o passo a passo aí depois ia tentar reproduzir, já pensava como é que tava fazendo ali e ia tentar reproduzir depois”.

No que diz respeito ao questionamento relacionado a quais habilidades ou competências musicais os participantes consideravam importantes para um músico profissional, podemos perceber que, nos relatos seguintes dos participantes 1, 2 e 4, houve uma exposição sobre as habilidades relacionadas a percepção serem de grande importância e frequentemente utilizadas. Portanto, o tema "aprender música de ouvido", ou ainda “tirar música de ouvido” foi um ideal recorrente na trajetória desses músicos. Nesse sentido, é interessante pontuar a associação que acontece à medida em que os músicos criam relações entre as músicas que estão aprendendo com músicas que já fazem parte da sua bagagem de conhecimentos, seja essa bagagem ligada à linguagens de cada gênero musical ou as técnicas envolvidas em sua execução, visto que, à medida em que o repertório de conhecimentos deles cresce, facilita a compreensão na hora de aprender músicas novas.

Analisando os discursos dos participantes 2 e 4 é possível notar certa sintonia na visão de cada um sobre as dificuldades, pois, reforçaram a importância da bagagem de conhecimentos prévios adquiridos no seu cotidiano aliada ao ouvir, e pautaram a habilidade relacionada à percepção como sendo um elemento a ser trabalhado constantemente no cotidiano, para que dessa forma a habilidade se torne mais precisa e eficiente. De tal forma, apontaram o ouvir como o caminho para alcançar o resultado final, principalmente quando a ausência de elementos visuais que também possam auxiliar no seu aprendizado é presente.

Participante 4 - “É tinham umas músicas que eram difícil pegar aquela... a gente não tinha... só tinha praticamente o áudio, a maioria das músicas não tem o vídeo, aí se tem uma frase, um refrão, popular “virada” e tudo aí você não tem o visual pra saber como é que faz, aí você tem que ouvir, ouvir, ouvir e tentar reproduzir na bateria”.

Participante 2 - “Pegando músicas de ouvido, nem sempre o ouvido a gente acha que é... às vezes a gente acha que é uma coisa e é outra, acha que é um acorde e é outro, a gente pega de ouvido mas, a gente sempre tem umas dificuldades né, as vezes nem sempre vai você... como eu falei ter uma aula ali profissionalizante. mas a gente vai aprendendo com o tempo mesmo isso aí, é com o tempo, a gente vai aprendendo música e vai aperfeiçoando, e o ouvido acho que vai entrando na mente, as notas, os acordes, acho que é com o tempo mesmo, tudo é com o tempo, principalmente na música que a música ela é muito complexa, ela leva muito tempo até de estudo mesmo né, aí é com o tempo mesmo, com o tempo que a gente foi...botando, entrando na mente essas coisas as notas né, tudo né”.

Também é relevante mencionar que vindo do relato de atuação do participante 1, alguns contextos de performance musical exigem um maior desenvolvimento da habilidade de “tirar música de ouvido” quando confrontados com outros contextos. O participante narrou um momento de transição em sua atuação profissional, essa transição foi a de um músico que atuava em bandas de música e em determinado momento passou a também atuar no contexto popularmente conhecido como “tocar na noite”, tal termo se refere a músicos que tocam em bares, restaurantes, bandas de baile, e afins. De acordo com o relato, “tirar música de ouvido” é uma habilidade muito cobrada nesse contexto.

Participante 1 - “No meu caso, como eu não costumava tocar muito na noite assim, era mais questão de bandas de música, os aspectos técnicos que foi.. que foi mais cobrado foi execução, por exemplo leitura de partitura, é...questão técnica do instrumento, é capacidade de tocar em grupo e essa questão de se escutar, de obedecer à regência, no meu caso, na área que eu atuo foi uma das que mais cobradas. Na noite quando eu comecei tocar, que já foi um pouco mais recente, é o'que eu venho mais sendo cobrado é questão de ouvido principalmente, de tirar músicas na hora, questão de improvisação que é um dos meus pontos mais fracos e na noite em sí foi o... é o que é mais cobrado,e...acho que isso, a questão de improvisação e tirar música de ouvido, na noite em si foi... é um dos pontos que mais me pegou”.

Como apresentado no relato do participante 1, a necessidade de desenvolver e aprimorar a habilidade de improvisação também foi um fator significativamente relevante na sua trajetória ao inserir-se no contexto de “tocar na noite”. Esse apontamento ressalta a atenção e importância que o músico precisou direcionar para o desenvolvimento de suas habilidades criativas. De maneira semelhante, analisando o discurso do participante 3 sobre as habilidades importantes para um músico profissional, podemos inferir que, o participante considera essa habilidade criativa e de ampliação do conhecimento como parte essencial nas competências de um músico profissional, pois, ele declarou que um músico precisa sempre inovar, não limitando-se ao que já está na sua bagagem de conhecimentos.

Participante 3 - “Habilidades importantes né, eu acho que sempre inovar, sempre buscar uma coisa nova né, uma coisa nova pra mais... ficar mais... saber mais, saber mais e não só ficar em uma coisa, mas saber outras também, aprender outras coisas”.

Outra estratégia que foi consideravelmente abordada no relato dos músicos participantes da pesquisa é a utilização de ferramentas que auxiliaram no desenvolvimento de suas habilidades e competências musicais. Sobre essa questão, todos os participantes relataram utilizar de uma ou mais ferramentas como notebooks pelos quais acessam sites tais como Cifra Club e Youtube, Instagram, esses sites reúnem informações ou vídeoaulas

pertinentes aos músicos. Além disso, a utilização de afinadores, metrônimos, DVD's, e CD's, também foi pontuada.

Participante 3 - Utilizo, utilizo sempre, utilizo celular para... a gente precisa né, para ouvir mesmo a música direito e tentar encontrar trabalho de *covers* né também para chegar em um tom parecido com o tom da gente, aí quando não encontra aí é o jeito ouvir a música bastante e cifrar ela mesmo na cabeça, cifrar ela na cabeça que a gente já tem a percepção da sequência musical aí a gente vai desenvolvendo até dando certo”.

“Participante 1 - “Utilizo sempre, desde afinador, metrônomo, computador utilizado para leitura, celular uso para registrar vídeos, para poder me autoavaliar em casa, e... acredito que essas sejam as ferramentas principais que eu utilizo”.

A descrição do uso do aparelho celular pelo participante 1 faz conexão com à visão acerca da autonomia e do autodidatismo mencionado anteriormente, pois, em seu relato, a utilização do celular como ferramenta pelo participante demonstra uma preocupação com o progresso de seus estudos, considerando que, o participante gravava vídeos tocando a fim de fazer auto avaliações. Nesse sentido, as autoavaliações surgem como uma forma de poder analisar aspectos que podem ser melhorados e, também, manter certo controle sobre o processo de aprendizagem, observando o progresso obtido a cada dia.

5.1.3. Educação musical informal

Ao abordar os questionamentos referentes aos aprendizados que os músicos participantes tiveram em contextos de ensino informais, contextos nos quais segundo Libâneo (2010), a transmissão de conhecimentos acontece, porém ausente da intencionalidade de ensinar/aprender, os ensinamentos mais relevantes que os participantes pontuaram estão entrelaçados a um senso de grupo, um senso de pertencimento e entendimento de como cada parte envolvida se relaciona para formar um todo. Deste modo, a característica comum apresentada foi a do desenvolvimento de um certo “entrosamento” em nome dos músicos. No que diz respeito ao “entrosamento”, esse termo se relaciona à compactuação de ideias, conceitos ou gostos. Ao abordar este termo em uma perspectiva musical ele se relaciona ao entendimento de como cada elemento, ou cada um dos músicos interagem entre si e com os demais para poder agregar no resultado final da execução musical. Essa característica de “entrosamento” foi sendo desenvolvida à medida em que, por estarem imersos em ambientes aos quais tocavam música em conjunto com outras pessoas, os músicos participantes observavam, escutavam o que os demais músicos estavam fazendo, e interagem entre si

musicalmente, e em um nível mais pessoal, contribuindo inclusive para um fortalecimento dos aspectos relativos à motivação.

Participante 4 - “Habilidades...mais a prática em grupo, observar o que o um tá fazendo, e tipo aquela... você já sabe o que o outro tá planejando pra tocar, já tá prevendo, já tem uma técnica um com o outro, quando você vai tocar, você já sabe o que que o outro vai fazer também, esqueci o nome mas é um nome específico que chama... já ter um entrosamento já um com o outro”.

Participante 5 - “É união , é, união, o entrosamento, pois muitas das vezes a gente tem que desenrolar alguma coisa alí em cima da hora, e a gente tendo a união e tendo... como que eu posso dizer... tendo flexibilidade pra gente... fazer, dar o melhor da gente né”.

Participante 1 - “E... deixa eu ver, teve, teve a questão de se escutar, a experiência de poder interagir, de, de por exemplo, não ser só você né, a questão até motivacional e de você prestar atenção no que os outros faziam e ter contato, ter... acho que a maior foi mais motivação, não sei se respondeu assim a pergunta”.

Dentre os aspectos pertinentes no que diz respeito aos fatores motivacionais que contribuíram para que os músicos participantes da pesquisa desenvolvessem o interesse pela música, e em seguida, buscassem desenvolver habilidades e competências musicais, assim como, posteriormente também buscassem seguir uma carreira atuando nessa área, surgiram questões pelas quais podemos associar esses fatores aos aprendizados informais que os músicos tiveram em sua trajetória, como é apresentado no relato do participante 3 ao abordar quais fatores o motivaram.

Participante 3 - “Sempre gostar de música, sempre gostar de banda, as bandas de forró vinham aí eu tinha o gosto musical muito... cantava no banheiro, até hoje canto né porque dá aquele som mais...mais agudo, mais acústico, eu não sei explicar..é como se fosse o som do reverb né que vem... né que a voz dá aquele eco né, e foi isso aí, foi o gosto, eu cantava no banheiro e tentava imitar os outros cantores né das outras bandas, é raro porque não é da minha voz, forcei muito a minha voz. Mas aí hoje eu já tô bem ligado como é minha voz, não é tão aguda, não é tão grave, mas assim vai”.

Considerando essa perspectiva, ao analisar os discursos dos participantes 1, 3, 4 e 5, foi possível constatar que os fatores motivacionais dialogam com fatores emocionais, visto que, ao discorrerem sobre a motivação para seguir carreira nessa área, foi consideravelmente presente discursos relacionados ao gosto que os músicos desenvolveram pela música no decorrer de sua trajetória, a influência que tocar em grupos ou com amigos trouxe para isso e a forma como eles se sentem por poder trabalhar e viver de música.

Participante - 1 “De início o principal fator foi, foi tocar em grupo, foi tocar com os amigos o que motivou bastante a querer evoluir no instrumento, e a partir daí foi como se fosse algo certo assim, daí a vontade ficou de continuar nessa carreira, de continuar tocando em banda, de sempre evoluir para a banda assim melhorar, e depois que eu comecei no sax, que comecei a ir para essa área da banda de música, tocar em grupo de banda de música, foi a outra motivação foi sempre, foi essa questão de tocar em grupo é muito prazerosa, e a questão do desafio também, de conseguir tocar seu instrumento, evoluir no instrumento, começou tornar as coisas mais...não sei... digamos egocêntricas assim, de sempre tá conseguindo evoluir e melhorar em alguma coisa”

Participante 5 - “É por que foi uma coisa que eu me identifiquei né, e vi que o pessoal também gosta, e é uma coisa que eu me sinto bem quando eu faço. Esqueço das outras coisas, dos problemas que a gente passa no dia a dia, e também já me deu muitas oportunidades né, como viajar pro Rio de Janeiro, cantar com um ídolo meu que eu nunca pensei que eu ia conseguir, mas graças a Deus deu certo”.

Os participantes 1, 2, 4 e 5 pontuaram que o fato de atualmente eles poderem ter hoje condições de trabalhar na área da música e poderem viver de música proporciona para eles um sentimento de grande gratificação, pois, consideram que a superação das dificuldades que tiveram em sua trajetória, assim como, o sentimento de poder proporcionar alegria para outras pessoas, é algo que traz uma sensação muito prazerosa e os faz sentirem-se gratos por estarem inseridos nesse meio profissional.

Realizando um panorama geral da análise dos dados obtidos referente aos processos formativos e profissionalizantes dos músicos participantes da pesquisa, tornou-se evidente que, embora os instrumentos musicais principais de atuação dos músicos sejam distintos, os músicos estiveram imersos em ambientes/contextos de ensino/aprendizagem semelhantes, até mesmo chegando em situações nas quais dois dos participantes apesar de serem de gerações diferentes obtiveram alguns de seus conhecimentos e habilidades musicais desenvolvidas a partir dos contatos e relações que tiveram com pessoas que faziam parte do mesmo grupo musical em épocas diferentes. Nesse caso, os participantes 2 e 5 tiveram contato com pessoas que faziam parte do grupo “Forró Pra Balançar”. A semelhança entre os contextos de ensino que fizeram parte da trajetória dos músicos contribuiu para termos uma visão na qual os participantes não se limitaram apenas a um meio de aprendizado, como aulas em instituições, projetos da prefeitura municipal, pela internet, etc. Eles buscaram alternativas viáveis para atender suas necessidades de obter mais conhecimentos. Além disso, foi possível identificar que os maiores aprendizados técnicos e teóricos dos músicos participantes surgiram a partir de contextos de ensino formais ou não formais, enquanto aspectos voltados para características mais pessoais, como as relacionadas à motivação, à sensação de prazer e gratificação por fazer música, tiveram fortes impactos provenientes de contextos informais.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da realização da pesquisa e análise dos dados obtidos através das narrativas que os participantes trouxeram nas entrevistas, foi possível elaborar algumas conclusões e intuir alguns aspectos interessantes sobre os processos formativos e profissionalizantes dos músicos no município de Graça- CE, e ainda que, considerando a amostra da pesquisa ter um quantitativo de 5 músicos participantes, a qual pode ser considerada relativamente pequena, e numericamente não representativa, tendo em vista a quantidade de mais de cinquenta músicos presentes no município, foi possível obter uma visão mais aprofundada e compreender melhor fatores relevantes/significativos sobre os processos formativos, visto que, esse quantitativo possibilitou analisar cada um dos casos em diferentes temáticas e perspectivas, e que tais casos podem constituir uma referência para compreensão do aspecto geral de como acontecem os processos de ensino e aprendizagem no município.

Ao longo da pesquisa tivemos o intuito de buscar compreender melhor como ocorrem os processos formativos e profissionalizantes dos músicos populares profissionais do município de Graça-CE, visto que, a cidade não dispunha de conservatórios ou escolas de música em atividade durante o período de realização da pesquisa. E, além disso, também buscamos dialogar e refletir sobre o que representa ser um músico popular profissional para os músicos deste município. Tendo como base o trabalho desenvolvido, podemos inferir que ponderando a ausência de conservatórios e escolas de música no município de Graça-CE, os músicos profissionais do município não restringem as fontes dos seus conhecimentos musicais a apenas um determinado contexto de educação musical. Observamos que, os músicos buscam adquirir conhecimentos e desenvolver suas habilidades e competências a partir das variadas maneiras que possam ser viáveis ao seu alcance. Desse modo, é comum a ocorrência de dois ou mais contextos de educação musical interseccionarem-se na trajetória desses músicos.

Considerando os fatores abordados, os projetos ofertados pela prefeitura do município tiveram grande importância nos processos formativos dos músicos participantes da pesquisa, uma vez que, contribuiu para uma melhor acessibilidade a um ensino de música estruturado e progressivo para os músicos, pois, com exceção do participante 2, todos os demais músicos tiveram algum contato com os ensinamentos/aprendizagens que foram ofertados por esses projetos. Portanto, deste modo, podemos intuir que, a nível municipal, os projetos relacionados ao ensino de música contribuíram significativamente para o fortalecimento da valorização cultural local ao transmitirem conhecimentos para a população interessada em aprender e

desenvolver habilidades e competências musicais. Além disso, considerando a ausência de continuidade dos projetos ofertados pela prefeitura, outras estratégias adotadas pelos músicos para suprir a necessidade de fontes de aprendizado são as contratações de professor particulares, a busca de conhecimentos em instituições de ensino (como universidades ou escolas que ofertam ensino de música) em outros municípios, a utilização de ferramentas associadas à internet, e o compartilhamento de informações e ensinamentos nos grupos de músicos aos quais os participantes da pesquisa integraram, bem como, a transmissão de conhecimentos fornecidos por familiares ou amigos que já tenham algum nível de compreensão musical. Além disso, a identidade relacionada ao ser músico profissional fornece para os músicos participantes da pesquisa um certo nível de influência emocional, visto que, auxilia no desenvolvimento de um sentimento de superação por transpassar as adversidades encontradas no caminho e conseguir ter a música como profissão, assim como, colabora no desenvolvimento de um sentimento de gratidão da parte dos músicos, por fazerem algo que transmite boas sensações para as pessoas que têm contato com os seus trabalhos.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Maria Salete Bortholazzi. **EDUCAÇÃO NÃO FORMAL, INFORMAL E FORMAL DO CONHECIMENTO CIENTÍFICO NOS DIFERENTES ESPAÇOS DE ENSINO E APRENDIZAGEM**. Paraná, Cadernos PDE. v. 2, 2014.
- ALVES, V. M. G. **A Influência das redes sociais na atuação artístico-musical dos alunos do curso de música** - licenciatura da UFC, Campus Sobral. 2022. 58f. Monografia (Graduação em Música - Licenciatura) - Universidade Federal do Ceará, Sobral, 2022.
- ASSUMPTÇÃO, Solange Roseli Martinelli de. **O canto coral sob a perspectiva da educação musical formal**. 2003. 150 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho, Instituto de Artes, 2003. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/154670>>.
- BOZZETTO, A. **Ensino particular de música: práticas e trajetórias de Prof. de Piano**. Porto Alegre: UFRGS, 2004.
- BRANDÃO, Carlos R. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- COLOGNESE, Silvio A., e MELO, José Luiz D. 1998. “A Técnica de Entrevista na Pesquisa Social.” In **Cadernos de Sociologia** (9): 143 - 159.
- GASPAR, A. A educação formal e a educação informal em ciências. In: MASSARANI, L.; MOREIRA, I. de C. & BRITO, F (orgs.). **Ciência e público – caminhos da divulgação científica no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, p. 171-183, 2002.
- GIOVANNI, L. M. Indagação e reflexão como marcas da profissão docente. In: GUARNIERI, M. R. (Org.). **Aprendendo a ensinar: o caminho nada suave da docência**. Campinas: Autores Associados, 2000. p. 45-59.
- GOHN, D. M. **Auto-aprendizagem musical: alternativas tecnológicas**. São Paulo: Annablume, 2003.
- GREEN, L. Poderão os professores aprender com os músicos populares? **Revista Música, Psicologia e Educação**, Porto, n. 2, p. 65-80, 2000.
- HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 22, nº2, p. 15-46, jul./dez. 1997.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Brasileiro de 2020**. Rio de Janeiro: IBGE, 2020.
- LACORTE, Simone; GALVÃO, Afonso. Processos de aprendizagem de músicos populares: um estudo exploratório. **Revista da ABEM**, Porto Alegre, V. 17, 29-38, set. 2007.
- LIBÂNIO, J. C. **Adeus professor, adeus professora?: novas exigências educacionais e profissão docente**. São Paulo: Cortez, 1998.

LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e pedagogos, para quê?** 12. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

LIBÂNEO, José Carlos; Oliveira, João Ferreira de; Thoschi, Mirza Seabra. **Educação Escolar: Políticas, Estrutura e Organização.** 10. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

NOVO, José Alessandro Dantas Dias. **Educação musical do espaço religioso: um estudo sobre a formação musical na Primeira Igreja Presbiteriana de João Pessoa – Paraíba.** 2015. 146 f. Dissertação (Mestrado em Música) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2015.

NÓVOA, A. **Formação de professores e trabalho pedagógico.** Lisboa: Educa, 2002

PENNA, Maura. Mr. Holland, o professor de música na educação básica e sua formação. **Revista da ABEM**, Porto Alegre, V. 23, 25-33, mar. 2010.

SILVA, Mônica Michelly Lima da, **LER PARA TOCAR VERSUS OUVIR PARA TOCAR: A realidade da Percepção na prática musical do músico popular e do músico de concerto,** Monografia (Graduação) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Natal, 2008.

SOUZA, Jusamara. Múltiplos espaços e novas demandas profissionais: reconfigurando o campo da Educação Musical. In: **ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL**, 10., 2001, Uberlândia. Anais... Porto Alegre: ABEM, 2001. p. 85-92.

APÊNDICE A – INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

Questionário para entrevista:

TCC “PROCESSOS FORMATIVOS E PROFISSIONALIZANTES DOS MÚSICOS DO MUNICÍPIO DE GRAÇA”

Perguntas:

1. Nome?
2. Idade?
3. Profissão/profissões?
4. Você toca algum instrumento musical ou canta?
5. Qual o seu instrumento principal?
6. Você teve aulas de música em alguma instituição? Como elas eram?
7. Você teve professor particular individual?
8. Com quem você aprendeu música?
9. Você teve acesso a instrumentos musicais em casa?
10. Como foi o seu processo de aprendizagem, você aprendia com amigos, familiares, bandas da cidade, igrejas?
11. Você já participou de grupos musicais? Como era?
12. Quais foram os aprendizados que você teve nesses grupos?
13. Quais competências e habilidades você considera importantes para um músico profissional?
14. Como você desenvolveu a percepção musical/leitura de partituras/prática no instrumento?
15. E sobre o seu estudo individual, como acontecia? Quais eram as maiores dificuldades que você encontrava e o que você fez para superá-las?
16. Você utiliza de ferramentas como computadores/celulares para aprender música? De que forma?
17. Quais fatores motivaram você a seguir carreira na área da música?
18. Para você o que representa ser um músico profissional?
19. Quais gêneros musicais você mais gosta de tocar e por quê?
20. Quais critérios você considera na hora de montar seu repertório?

APÊNDICE B – TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS

Os diálogos das entrevistas estão organizados da seguinte forma:

E: Entrevistador

P: participante

Participante #1

E: Esta entrevista faz parte da pesquisa para desenvolvimento do TCC, intitulado "PROCESSOS FORMATIVOS E PROFISSIONALIZANTES DOS MÚSICOS NO MUNICÍPIO DE GRAÇA".

Vamos lá para as primeiras perguntas

E: Qual o seu nome?

P: ...

E: Qual sua idade?

P: 22 anos.

E: Qual é a sua profissão ou profissões

P: Eu sou oficialmente né, sou músico de banda de música.

E: Certo, você toca algum instrumento musical ou canta?

P: Toco...profissionalmente toco saxofone.

E: Quais são os demais instrumentos que você toca, e qual deles seria o seu principal instrumento?

P: O meu instrumento principal hoje em dia é sax e costumava tocar violão, hoje nem tanto e toco cavaco também.

E: Você teve aulas de música em alguma instituição? Como é que eram essas aulas? se você chegou a ter em algum momento

P: Eu tive primeiro aulas particulares, fiz três meses de aula de violão e...e depois é.. em 2019 ingressei no curso de licenciatura em música.

E: certo, como é que eram essas aulas? as aulas que você teve

P: Particulares?

E: Sim

P: As particulares eram... eram bem práticas de violão, a gente ia e estudava uma música em específico, passava a semana estudando ela para apresentar, aí pra aprender questão de dedilhados, acordes, essas coisas.

E: Ok, e você mencionou de ter feito aulas também na faculdade né

P: Faculdade, sim.

E: Isso, como é que eram essas aulas na faculdade?

P: Aa, as aulas na faculdade no instrumento em si, no caso o meu foi saxofone, eram inspiradas pra gente ser professor de música, então eram aulas de... em conjunto no modelo de banda de música, e a gente estudava métodos, estudava arranjos , estudava...estudava elementos específicos técnicos do instrumento, como mecanismos para melhorar a digitação, é escalas, é essa... questão teóricas a respeito do instrumento, e... e técnicas.

E: Ok, e para isso, para que todos os seus estudos dessem certo, você teve acesso a instrumentos musicais em casa? como é que era a sua proximidade com instrumentos

P: Eu consegui... consegui... um tio meu, primeiramente um tio me deu um violão né, tive a sorte de ganhar um violão para poder estudar no tempo que eu tinha começado, isso por volta de 2014. Agora na faculdade, a faculdade disponha de instrumento aí assim eu consegui estudar sax, não tinha o sax na época. aí a gente tinha de ir pra faculdade e na faculdade estudava instrumento e, pouco tempo depois, um ano assim mais ou menos de faculdade eu consegui adquirir o meu, aí eu poderia estudar em casa, é... pronto.

E: Eu vi que você trouxe no seu discurso muitos depoimentos sobre um ensino mais formal né, que você já teve professores particulares, teve a questão da faculdade, mas em um contexto mais informal, por exemplo, você teve algum processo de aprendizagem? Como foi? Se você aprendia também com amigos ou bandas de música, bandas de igreja, bandas na cidade, coisas nesse sentido. você teve um contato? teve aprendizagem nesses ambientes?

P: A inspiração de tocar assim foi por conta de amigos mesmo. estava começando a tocar também, a gente começou naquele processo juntos, é cada um querendo se superar e querendo tocar em conjunto. Então desde o início a gente se reunia para tocar, até mesmo quando era bem ruinzinho assim algumas coisas a gente já tocava, cada um escolhia um instrumento e escolhia algumas músicas, pegava um legião urbana pra tocar em conjunto e esse foi um dos processos eu acho que mais motivadores que era tocar com os amigos, em grupos.

E: Você teve familiares também que tocavam ou incentivavam você de alguma forma?

P: Na minha família ninguém tocava, mas eu tinha um tio que gostava muito. Ainda tenho no caso né. Gostava muito de música, aí foi ele que me presenteou com um violão, viu que eu estava começando querer aprender, ele tinha comprado um violão um tempo pra filha dele, mas a filha dele não queria muito tocar. Aí quando ele viu que eu queria tocar ele me presenteou com o violão.

E: E nesses grupos que você participou também, quais foram os principais aprendizados que você considera que teve?

P: E... deixa eu ver, teve, teve a questão de se escutar, a experiência de poder interagir, de, de por exemplo, não ser só você né, a questão até motivacional e de você prestar atenção no que os outros faziam e ter contato, ter... acho que a maior foi mais motivação, não sei se respondeu assim a pergunta.

E: Bom, a gente considerando um músico profissional, ser um músico profissional, quais são as competências e habilidades musicais que você admite como importantes para um músico profissional?

P: Depois que eu comecei a... a ganhar dinheiro com música né, é... um dos pontos que eu vi que mais influenciaram para que eu conseguisse foi, foi questão de estudo, manter uma rotina de estudo, e gostar, gostar do instrumento, gostar de ta com o instrumento, porque ajuda bastante a evoluir né, esse principal contato com o instrumento foi um dos maiores fatores.

E: Tem alguma habilidade relacionada a aprender música de alguma forma, a instrumento em si ou característica no aspecto de instrumentação, de execução, de tocar que você também considera que seja importante para o músico profissional?

P: A questão mais técnica?

E: Isso

P: No meu caso, como eu não costumava tocar muito na noite assim, era mais questão de bandas de música, os aspectos técnicos que foi.. que foi mais cobrado foi execução, por exemplo leitura de partitura, é... questão técnica do instrumento, é capacidade de tocar em grupo e essa questão de se escutar, de obedecer à regência, no meu caso, na área que eu atuo foi uma das que mais cobradas. Na noite quando eu comecei tocar, que já foi um pouco mais recente, é o que eu venho mais sendo cobrado é questão de ouvido principalmente, de tirar músicas na hora, questão de improvisação que é um dos meus pontos mais fracos e na noite em si foi o... é o que é mais cobrado, e... acho que isso, a questão de improvisação e tirar música de ouvido, na noite em si foi... é um dos pontos que mais me pegou.

E: Nessa sua linguagem, nesse seu discurso eu percebi que você falou bastante sobre o tirar música de ouvido né, algo que se relaciona a percepção musical né, assim como notação que foi a leitura de partitura que você falou, também como da prática do instrumento, e pra você, como é que você desenvolveu essas habilidades, essas competências. essa percepção musical, leitura de partitura, técnica do instrumentos, como foi que você desenvolveu essas habilidades?

P: É... questão de leitura de partitura foi uma coisa que eu achei muito natural, é o aprendizado, eu prestei atenção que em cada grupo que eu me envolvia havia um salto de leitura, por exemplo, o primeiro grupo que eu entrei com o sax foi a banda de música municipal da minha cidade e nela eu senti um salto na minha leitura, aí depois quando eu comecei, é... quando eu entrei na banda de música que eu trabalho hoje deu outro salto porque o nível das peças eram maiores. aí quando eu comecei tocar chorinho foi outro salto de leitura, então eu senti na questão da leitura de partitura esses saltos cada vez que eu me dispunha a aprender novos repertórios, agora na questão da percepção, percepção o que ajudou muito, e foi prejudicado na pandemia, foi tocar em conjunto. toda vez que tocava em conjunto eu começava prestar atenção nos colegas que estavam tocando, questão de escutar música, escutar bastante, tocar, foi... foi aprimorando essa questão da percepção.

E: E sobre o seu estudo individual, como era que ele acontecia? Quais eram as dificuldades que você encontrava no meio desse processo, e o que você fazia para superar essas possíveis dificuldades?

P: No meu estudo pessoal, eu costumo, costumo dividir ele em estudos de escala, de arpejos e de repertório, pelo menos no sax. quando eu comecei estudar cavaco, eu comecei para brincar, comecei somente adquirindo repertório, aprendendo os acordes, a forma dos acordes, mas no sax eu mantenho esse estudo mais... mais técnico, digamos assim. divide escalas, arpejos e repertórios. aí no caso... no caso eu tento manter um estudo constante, manter um estudo diário e as maiores dificuldades foi realmente questão de trabalho, faculdade, de não... às vezes não ter tempo para manter esse estudo diário.

E: E você utiliza de ferramentas como computadores, celulares para aprender música? se sim, de quais formas você utiliza essas ferramentas?

P: Utilizo sempre, desde afinador, metrônomo, computador utilizado para leitura, celular uso para registrar vídeos, para poder me autoavaliar em casa, e... acredito que essas sejam as ferramentas principais que eu utilizo.

E: Bom, e quais fatores motivaram você a seguir carreira na área da música?

P: De início o principal fator foi, foi tocar em grupo, foi tocar com os amigos o que motivou bastante a querer evoluir no instrumento, e a partir daí foi como se fosse algo certo assim,

da... a vontade ficou de continuar nessa carreira, de continuar tocando em banda, de sempre evoluir para a banda assim melhorar, e depois que eu comecei no sax, que comecei a ir para essa área da banda de música, tocar em grupo de banda de música, foi a outra motivação foi sempre, foi essa questão de tocar em grupo é muito prazerosa, e a questão do desafio também, de conseguir tocar seu instrumento, evoluir no instrumento, começou tornar as coisas mais... não sei... digamos egocêntricas assim, de sempre tá conseguindo evoluir e melhorar em alguma coisa.

E: É, você falou sobre essa contribuição de uma coisa que tem meio que egocêntrica que faz você se sentir motivado e se sentir bem né com isso. Isso traz um questionamento também, pra você, o que representa ser um músico profissional?

P: Eu carrego a definição de ser uma pessoa que consegue viver da música, independente que seja dando aula ou tocando na noite, ou em banda de música por exemplo, consegue que seja a pessoa profissional, a pessoa que viva daquilo, da prática musical.

E: Entendi, nessa definição né. Mas e pra você como pessoa, como músico, o que essa característica de ser um músico profissional como você pontuou, o que isso representa pra você no sentido de como você se sente em relação a isso? em ser um músico profissional

P: No momento quando paro pra refletir assim, me sinto muito grato de poder viver de... viver de tocar um instrumento, sempre tive vontade disso né, e hoje em dia poder viver apenas de tocar esse instrumento é muito prazeroso, é quase como se fosse... uma coisa... não sei a palavra... é quase como se fosse uma coisa, uma recompensa, não sei, uma coisa bem poderosa de poder trabalhar com aquilo. Por mais que tenha suas dificuldades né, como toda área, mas é bastante prazeroso poder trabalhar com aquilo que a gente gosta né.

E: Ainda pensando nesse sentido, quais gêneros musicais você mais gosta de tocar, e porque?

P: Hoje em dia, hoje em dia o que eu mais toco, o que eu sinto mais prazer assim pelo desafio de tocar é chorinho, mas aí comecei a pouco tempo tocar pagode, isso no sax também, sax, cavaco, comecei a tocar pagodes. é, questão das bandas militares é mais repertório de... como se fosse orquestral né, e essas coisas, mas o gênero principal que eu to tocando mesmo é chorinho.

E: E quando você vai montar os seus repertórios pra você tocar, você seleciona eles de que forma? pensando no público? ou é algo que é mais pra você? que é mais do seu gosto. Como é que você pensa quando vai fazer essas escolhas de repertório?

P: Hoje em dia quando... quando eu vou fazer algum cerimonial ou algum evento eu penso bastante no local que eu vou tocar, se por exemplo é um restaurante, qual o estilo que se enquadraria mais, e acabo pensando um pouco mais no público em sí.

E: Muito obrigado. foi um prazer contar com a sua participação e agradeço imensamente a sua contribuição para que este trabalho possa acontecer. muito obrigado.

P: Eu agradeço o convite.

Participante #2

E: Esta entrevista faz parte da pesquisa para desenvolvimento do TCC, intitulado "PROCESSOS FORMATIVOS E PROFISSIONALIZANTES DOS MÚSICOS NO MUNICÍPIO DE GRAÇA".

Vamos lá para as primeiras perguntas

Qual o seu Nome?

P:.....

E: Qual sua idade?

P: 34 anos.

E: Qual a sua profissão ou profissões?

P: Hoje eu trabalho só com música mesmo.

E: Você toca algum instrumento musical ou canta?

P: Toco, já toquei guitarra, violão, hoje só teclado, hoje estou no teclado.

E: Certo, então o seu instrumento principal hoje é o teclado?

P: Sim, hoje é o teclado.

E: Você teve aulas de música em alguma instituição ou escolas, conservatórios, algo do tipo?

P: Não, nunca tive aulas de jeito nenhum.

E: Mas você chegou a ter algum professor particular ou algo do tipo?

P: Não, também não. só fui aprendendo mesmo na curiosidade.

E: Com quem você aprendeu música, sendo assim?

P: Primeiramente foi meu irmão que começou umas aulinhas aqui no graça, na cidade, aí eu fui... ele foi... através dele fui pegando alguns acordes, fui tendo a curiosidade né, com uns primos meus também, pessoal da família, aprendendo algumas coisas. com dificuldade né que não é igual ter uma aula né com professor, a gente... muitas dificuldades no interior também, mas tamo aí até hoje, na peleja né.

E: Você tinha acesso a instrumentos em casa?

P: Não, na época era... a dificuldade era grande, só tinha um violão, um violão muito com o cabo torto as cordas altas, muito difícil né, na época, já faz um bom tempo, mas foi através disso.

E: Entendi, e no seu processo de aprendizagem, você comentou que aprendeu com familiares, além disso você também teve algum aprendizado com bandas da cidade, igrejas, ou ambientes e grupos nesse sentido?

P: Sim, muito pouco né, porque também na época a gente formou uns conjuntinhos mas todo mundo era aprendiz na época né, assim, ninguém tinha, não tinha ninguém especializado assim na música, mas... ter pegado aula, ou coisa do tipo né, só todo mundo aprendiz mesmo.

E: Entendi, como eram as coisas nesses grupos que você participou? Como eram os formatos de grupos? Como vocês faziam música nesses grupos?

P: Na época lá eu era o cabeça assim né, era na guitarra, mas todo mundo... era mais... assim, digamos que mais iniciante que eu, aí eu ia, ia pegando as músicas de ouvido, e naquela época até as músicas novas eram difíceis porque era tudo cd, até cd era difícil, a gente não é igual hoje né, não tinha internet né, esses recursos modernos, tudo era difícil. por isso que a gente foi aprendendo mesmo do jeito que Deus quis né, levando mesmo na força de vontade, é isso.

E: Quais foram os aprendizados que você considera que teve durante esse período nesses grupos?

P: Tipo o pessoal que participou junto com a gente né?

E: Os aprendizados que você teve assim por estar envolvido no grupo, se teve coisas relacionadas a música, a tocar algo de um jeito diferente, coisas nesse sentido que você acredita que veio pra você e você aprendeu por estar inserido nesses grupos, fazendo parte com outras pessoas

P: Sim, eu senti que, na verdade rapaz... já faz tanto tempo já que eu nem... mas teve a passagem pelos meninos lá do Bom Gosto que era na banda né, pra balançar, passei um tempo, eles eram bem profissional né na música, ai deu uma ajudazinha boa, e agente teve início também com a banda do [cita o nome do músico], [cita o nome do músico] na época, todo mundo junto, a gente foi desenvolvendo aos poucos, um pouquinho que um sabia ia ensinando pro outro.

E: Quais são competências e/ou habilidades que você considera ser importantes para um músico profissional, quais coisas que um músico precisa saber, jeitos de fazer as coisas que você considera ser importante?

P: Rapaz, acho que primeiramente tem que ter força de vontade né, querer primeiramente, e praticar, várias coisas né que influencia para um músico chegar em um nível alto, e acho até ter aula também com um professor profissional, acho que ajuda muito, eu tiro por mim que... acho que isso influencia muito e vai do aluno também, acho que você começando do início, ter uma aula teórica e entrar na prática acho que isso é muito, muito fundamental na música, isso ajuda bastante, na nossa época a gente não tinha isso, a gente nem sabia né, a gente aprendia mesmo na força mesmo de vontade, acho que isso é um pontapé de tudo, pra chegar em um nível profissional.

E: Você tinha falado anteriormente sobre aprender a tirar música de ouvido e coisas nesse sentido né, isso a gente relaciona com a percepção musical né. como você desenvolveu essa percepção musical, de ouvir música e aprender de ouvido?

P: Pegando músicas de ouvido, nem sempre o ouvido a gente acha que é... às vezes a gente acha que é uma coisa e é outra, acha que é um acorde e é outro, a gente pega de ouvido mas, a gente sempre tem umas dificuldades né, as vezes nem sempre vai você... como eu falei ter uma aula ali profissionalizante. mas a gente vai aprendendo com o tempo mesmo isso aí, é com o tempo, a gente vai aprendendo música e vai aperfeiçoando, e o ouvido acho que vai entrando na mente, as notas, os acordes, acho que é com o tempo mesmo, tudo é com o tempo, principalmente na música que a música ela é muito complexa, ela leva muito tempo até de estudo mesmo né, aí é com o tempo mesmo, com o tempo que a gente foi... botando, entrando na mente essas coisas as notas né, tudo né.

E: É, sobre os seus estudos individuais, como eles aconteciam, quais eram as dificuldades que você tinha durante esse processo, e o que você fazia para superar as dificuldades que poderiam aparecer durante esse processo de estudo individual seu?

P: Rapaz, o estudo.. assim que na época o estudo mesmo a gente só ia aperfeiçoando o... era mais os acordes e tocando música, a gente não teve muito assim um... aa, ia pegando uns acordes, pegando música, e já botando em prática, aí não teve aquele estudo... e até hoje ainda tô estudando ainda umas técnicas mais aprofundadas né, naquela época a gente não sabia nem o que era uma escala né que é um pontapé de início, e essas coisas a gente não tinha na época porque não sabia, não tinha como né, a gente foi aprendendo mesmo acorde e coisas mais simples.

E: Entendi, e você utiliza de ferramentas como computadores, celulares para aprender música? e de que forma você utiliza, se você faz uso?

P: Hoje né?

E: Sim

P: Hoje eu estudo um pouco, mas eu estudo pouco também, que meu tempo é pouco. Mas eu estudo um pouco, quando eu tenho um tempinho eu dou uma estudadinha, umas teorias né, é escala mais avançada, umas técnicas, arpejo, é essas coisas assim.

E: Entendi, certo. Então você utiliza de celular ou computador, sites para esses conteúdos?

P: Sim, eu estudo mesmo, com uns vídeos no instagram, celular, uso notebook também.

E: E para você, o que representa ser um músico profissional? Como você se sente sendo um músico profissional? Qual a representação que isso tem na sua vida?

P: Acho que pra mim é uma gratificação muito grande né, que pelas dificuldades que a gente tinha na época, no início de tudo, hoje pra mim é muito gratificante, eu posso dizer que hoje eu vivo da música né, mesmo sendo muito difícil, mas pra mim é muito gratificante.

E: Só mais duas perguntinhas pra gente encerrar. Quais gêneros musicais você mais gosta de tocar e porque?

P: Os gêneros hoje, eu gosto de vários gêneros, mas por conta do que a gente toca mais é forró, arrocha, até um brega mesmo, e esse é o estilo, por que além de eu gostar eu gosto mais de uma música assim romântica, arrocha mesmo, forró das antigas, mas por conta de ta tocando sempre e ouvindo a gente acaba gostando desses gêneros ai mais modernos, forró moderno, piseiro, essas coisas.

E: E quando você vai montar um repertório, o que você pensa quando vai montar um repertório? Você pensa no seu público? Você pensa em colocar músicas que são mais do seu gosto? Como é essa decisão do repertório que você monta para tocar?

P: Hoje mesmo é por conta do público e o'que ta tocando na atualidade, o pessoal hoje em dia gosta muito de coisa atual, às vezes tem um repertório antigo também mas esse repertório a gente já tem montado, não precisa montar mais, a gente já deixa uma sequência reservada pro horário, dependendo do evento também, às vezes uso umas músicas mais românticas também, ai vai do evento. Mas como eu toco mais forró, aí é forró atual mesmo.

E: Entendi, muito obrigado, foi um prazer ter a sua participação na nossa pesquisa.

Participante #3

E: Esta entrevista faz parte da pesquisa para desenvolvimento do TCC, intitulado "PROCESSOS FORMATIVOS E PROFISSIONALIZANTES DOS MÚSICOS NO MUNICÍPIO DE GRAÇA".

Vamos lá para as primeiras perguntas

Qual o seu Nome?

P:.....

E: Qual sua idade?

P: 34 anos.

E: Qual sua profissão ou profissões?

P: No momento só exerço na musicalidade né.

E: Você toca algum instrumento musical ou canta?

P: Eu faço voz e violão, canto e toco.

E: Qual o seu instrumento principal?

P: Violão.

E: Você teve aulas de música em alguma instituição?

P: Tive a partir do primeiro ano do ensino médio em 2011/2012 né eu comecei no ensino médio.

E: Como eram essas aulas?

P: Eram aulas bem...bem legais né, ensinava violão, teclado, bateria na época né.

E: Você já teve professor particular de música?

P: Sim, na época professor (cita o nome do professor) né, que dava aulas lá, e por fora também. Como ele era muito meu amigo ele sempre me dava uma aula por fora também né, dava uma ajuda pra ficar mais ligado.

E: E além desses ambientes teve mais alguém com quem você aprendeu música?

P: Eu participei também do projeto o som que dá graça em 2017 também, participei e no momento pude aprender mais sobre o canto né, na época era com o professor (cita o nome do professor). participei de corais lá.

E: Você teve acesso a instrumentos musicais em casa?

P: Só bateria e violão, bateria eu comecei no quintal né, fazendo baterias artesanais, baterias de lata, aí cada vez mais eu ia me especializando, aí quando chegou o ensino médio eu fui aprendi o violão né. Na verdade eu queria aula de bateria, mas o professor dava aula de violão e não dava aula de bateria no momento né, aí eu peguei e me interessei pelo violão que eu gosto. Eu já tocava cantando, aí por fazer parte eu peguei gosto pelo violão.

E: Como foi o seu processo de aprendizagem? Você aprendia com amigos, familiares, bandas da cidade ou grupos de igreja? Além desses que você já citou né, teve mais algum?

P: Eu e aprendi com muitas pessoas né, muitos amigos, outros músicos me orientavam muito, mas foi mais pelo youtube né, as aulas do cifra club, que tinham essas video aulas simplificadas, aí eu assistia, aí eu fui me empolgando mais e também pelo gosto musical, as bandas de forró fazem muito sucesso, bandas de forró romântico aí eu fui me empolgando, depois entrei em outros estilos, fui pegando outros estilos tipo brega, romântico, sertanejo.

E: Você já participou de grupos musicais?

P: Eu participei só de projetos, projetos lá do... a gente montou uma pequena banda no ensino médio quando eu já tocava bem, aí com outros amigos lá que eram alunos também, a gente formou uma pequena banda lá, a banda do colégio, e no O Som que dá Graça, aquele projeto lá que né, a gente fez, até você participou lá né, foi muito legal também. Foi uma pena ter se acabado pois era muito bonito ouvir lá, só o instrumental.

E: Quais foram os aprendizados que você teve nesses grupos que você participou?

P: Aprendi muitas coisas, a ficar ligado no tom né, no tom certo da voz, a me situar na música no tempo certo, no tempo certo mesmo, ficar bem organizado, aí foi só isso, e teve outras coisas também como...aprendi a mexer no instrumento, também quando troca corda, ao longo do tempo, a fazer pequenas manutenções quando quebra alguma peça, aí eu substituo né.

E: Quais competências e habilidades você considera ser importantes para um músico profissional?

P: Habilidades importantes né, eu acho que sempre inovar, sempre buscar uma coisa nova né, uma coisa nova pra mais... ficar mais... saber mais, saber mais e não só ficar em uma coisa, mas saber outras também, aprender outras coisas.

E: Como você desenvolveu a sua parte relacionada à percepção musical, leitura de partituras, prática no instrumento, técnica, essas coisas assim?

P: A prática de todo dia viu, a prática de todos dias, só não aprendi afinar mas... a questão de tom, essas coisas né, sobre isso aí eu aprendi acho que no cotidiano do dia a dia, praticando mesmo eu aprendi muita coisa no instrumento, e por observar outros músicos também aí eu queria ser.. fazer igual eles tavam fazendo aí eu fui me especializando mais.

E: E sobre o seu estudo individual, como é que ele acontece? Quais eram as dificuldades que você encontrava e como você fazia para superar essas dificuldades?

P: Praticando viu, praticando bastante né, as dificuldades tipo montar um acorde difícil né. Até hoje assim eu não sei de muitos, mas os que eu sei ainda dá... eu aprendi praticando mesmo pra valer pegando todo dia no instrumento, quase todo dia. Eu sinto até hoje os dedos da mão doer de tanto praticar.

E: Você até já comentou um pouco, você disse que usa o Youtube né, para estudar, mas no geral você utiliza de ferramentas como computadores, celulares para estudar música?

P: Utilizo, utilizo sempre, utilizo celular para... a gente precisa né, para ouvir mesmo a música direito e tentar encontrar trabalho de covers né também para chegar em um tom parecido com o tom da gente, aí quando não encontra aí é o jeito ouvir a música bastante e cifrar ela mesmo na cabeça, cifrar ela na cabeça que a gente já tem a percepção da sequência musical aí a gente vai desenvolvendo até dando certo.

E: Entendi, e quais fatores motivaram você a seguir carreira na área da música?

P: Sempre gostar de música, sempre gostar de banda, as bandas de forró vinham aí eu tinha o gosto musical muito... cantava no banheiro, até hoje canto né porque dá aquele som mais... mais agudo, mais acústico, eu não sei explicar..é como se fosse o som do reverb né que vem... né que a voz dá aquele eco né, e foi isso aí, foi o gosto, eu cantava no banheiro e tentava imitar os outros cantores né das outras bandas, é raro porque não é da minha voz, forcei muito a minha voz. Mas aí hoje eu já tô bem ligado como é minha voz, não é tão aguda, não é tão grave, mas assim vai.

E: E para você, o que representa ser um músico profissional? Como você se sente sendo um músico profissional?

P: Um músico profissional... eu não sei como te dizer, eu faço música mas ainda não me considero totalmente profissional né, até por que pra ser profissional mesmo ainda falta aprender muita coisa, a saber a tirar o som de verdade, tipo fazer solos é uma coisa que eu ainda tenho muita dificuldade ainda, só mesmo faço os acordes simples e canto e toco né, mas eu queria... mais na frente vai dar certo eu... dá certo eu ser profissional. Só não me considero ainda né, mas... mas quem sabe mais pra frente.

E: Você até já comentou um pouco, mas só a critério de recordação, quais gêneros musicais você mais gosta de tocar e porque?

P: Há uns 10, 11 anos atrás eu gostava muito do pop rock, sempre gostei. Na verdade, eu sempre fui eclético né, gosto de tudo mas o pop rock uns anos atrás aí era... era quase minha praia né, mas aí a gente tem que mudar de estilo, por que nem todos ouvem rock né, mas aí

hoje eu sou muito eclético mesmo, mpb, mpb é legal pra caramba, sempre gostei, mas é isso aí né, a gente vai seguindo.

E: Para encerrar, quando você vai montar o seu repertório quais critérios você considera na hora de montar seu repertório, você vai mais pelo público ou pelo seu gosto pessoal, como é que você pensa no seu repertório?

P: O repertório seja bem... bem caprichado mesmo... bem pra ficar no gosto pessoal né, pra ficar bem... ficar bem falado né, ficar bem... na verdade cara eu... montar repertório assim eu monto as vezes, eu escrevo em uma folhinha mas eu perco muito, negócio é que eu vou muito de cabeça, sei muito de cabeça, tenho muita música, muita coisa né, aí eu já saio logo tocando, aí vou né, vou emendando por aí e dá certo, eu vou misturando tudo, não tenho esse negócio de organização não, em momento tal música tal, estilo tal, o'que vem na mente eu vou tocando por enquanto. Mas eu preciso me organizar também, é porque eu posso me esquecer de algum aí a gente tem... tem que ter sempre o papel ou no celular né pra tá lembrando também que às vezes a gente esquece..

E: Foi muito bom contar com a sua participação, agradeço imensamente a sua colaboração.

Participante #4

E: Esta entrevista faz parte da pesquisa para desenvolvimento do TCC, intitulado "PROCESSOS FORMATIVOS E PROFISSIONALIZANTES DOS MÚSICOS NO MUNICÍPIO DE GRAÇA".

Vamos lá para as primeiras perguntas

Qual o seu Nome?

P:.....

E: Qual sua idade?

P: 34 anos.

E: Qual é a sua profissão ou profissões?

P: A principal é secretário em empresa e baterista nas horas vagas.

E: Certo, você toca algum instrumento musical ou canta?

P: Meu instrumento principal é bateria, e os instrumentos secundários violão e baixo.

E: Você teve aula de música em alguma instituição? e se você teve como é que eram essas aulas?

P: Nenhuma aula de bateria nem nada.

E: E algum professor particular individual, você já teve?

P: Nenhum.

E: Com quem você aprendeu música?

P: Basicamente observando vídeos, observando as bandas que vinham tocar e a gente ficava olhando a pessoa tocar ou algum vídeo e observava como era.

E: Você teve acesso a instrumentos musicais em casa?

P: Original não, só de lata mesmo que eu fiz, depois que eu fiz os de lata é que eu fui botar em prática o...o que eu observava das bateria e tudo, fui colocar em prática, comecei errando mas deu certo.

E: Como é que foi esse processo de aprendizagem? Você também aprendia com amigos, familiares, bandas da cidade, grupos de igreja?

P: Basicamente foram os vídeos né, o ao vivo observava, depois fui tentar reproduzir na bateria, e tive ajuda também de um amigo que já conhecia bateria mais um pouco, e usei a mesma estratégia: observar como é que era, sem perguntar o passo a passo aí depois ia tentar reproduzir, já pensava como é que tava fazendo ali e ia tentar reproduzir depois.

E: E você já participou de grupos musicais? se sim, como eram esses grupos?

P: Musical... já, participei de uns projetos de banda de forró durante um certo tempo, aí foi legal, um... meu instrumento eu não tinha original, eu tinha uma guitarra que eu nem tocava, não sabia nem tocar, aí tocava com a bateria do outro, aí o outro que tinha um teclado emprestava pro outro e era assim tudo trocado, aí a prática não era 100%, e, tocar.

E: Entendi, e quais foram os aprendizados que você teve nesses grupos, relacionados a música? Quais coisas e habilidades ou coisas assim você aprendeu?

P: Habilidades... mais a prática em grupo, observar o que o um tá fazendo, e tipo aquela... você já sabe o que o outro tá planejando pra tocar, já tá prevendo, já tem uma técnica um com o outro, quando você vai tocar, você já sabe o que que o outro vai fazer também, esqueci o nome mas é um nome específico que chama... já ter um entrosamento já um com o outro.

E: Quais competências e habilidades você considera importantes para um músico profissional?

P: Focar na música, saber o ritmo, como é feito o ritmo, porque tem... sabendo o ritmo da música o... precisa nem saber qual é a música, mas saber como é o pedaço de cada ritmo, como se produz, quando você pega uma música você já... não sabe nem direito qual é a música mas você já sabe, já vai encaixando aqueles pedaços, vai montando a estrutura da música, é como que fosse um alfabeto, a música na bateria tem vários pedacinhos e quando você começa tocar, você já vai sabendo onde vai se encaixando.

E: Como você desenvolveu percepção musical, leitura de partituras, prática no instrumento, essas habilidades ou estudos de cifras, entender de cifras, coisas nesse sentido. De que maneiras você desenvolveu essas habilidades?

P: Participei de uns minicursos digamos assim, alguns promovidos pela prefeitura, estudo em grupo e por ter o contato também com algumas revistinhas de cifras também. Pra início foi as revistinhas né de cifras, vem com as músicas cifras de artistas e a gente vai cutucando, isso na parte musical de notas, aí bateria não tenho nenhum... até hoje nenhuma partitura, não sei ler partitura.

E: E sobre o seu estudo individual, como ele acontecia, quais eram as principais dificuldades que você tinha no seu estudo, e o que você fazia para superar essas dificuldades?

P: É tinham umas músicas que eram difícil pegar aquela... a gente não tinha... só tinha praticamente o áudio, a maioria das músicas não tem o vídeo, aí se tem uma frase, um refrão, popular “virada” e tudo aí você não tem o visual pra saber como é que faz, aí você tem que ouvir, ouvir, ouvir e tentar reproduzir na bateria.

E: Você utiliza de ferramentas como computadores, celulares ou sites para aprender música? e de que forma você utiliza?

P: Hoje em dia tá melhor, a internet tá mais... tá mais acessível, hoje a gente pode pegar o vídeo né pra facilitar, tá mais fácil a acessibilidade que antigamente, porque antigamente era complicado, agora tá mais acessível pelo menos na internet a gente acha alguns materiais.

E: Entendi. Quais fatores motivaram você a seguir carreira na área da música?

P: Basicamente o gosto pela música que a gente tem, aí gosta...

E: Pra você o que representa ser um músico profissional? Como você se sente sendo um músico profissional?

P: Eita, profissional é pesado, mas... profissional a gente é um aprendiz basicamente de mundo, aprendeu mas não seguiu ali uma carreira de aprendizado controlado, saber o'que é cada coisa detalhado, a gente foi aprendendo na vivência, agora melhor mesmo é quem segue é... estudando o instrumento, detalhe por detalhe, as partes musicais como é que forma cada coisa, aí isso daí é mais... mais profissional, a gente vai aprendendo de boa, mas não sabe muita coisa não.

E: Mas como você se sente em ser um músico profissional? que trabalha com música, toca frequentemente por aí em bandas, o'que ser esse músico profissional que atua trabalhando com música representa pra você?

P: É ótimo, muito gratificante tá tocando ali e a pessoa estar gostando do trabalho da gente.

E: Quais gêneros musicais você mais gosta de tocar e porque?

P: O principal é o forró, o forró já vem das raízes de antigamente, quando eu era pequeno já cresci gostando da música já, ouvindo forró, forrozinho das antigas, mastruz com leite, no caminho do jaburu daqui pra lá já ia ouvindo, passava na frente das casas aí ouvia a banda tocando mastruz com leite e a partir daí já fui aprendendo as melodias, pequenininho 3, 4 anos de idade já se interessava pelas melodias das músicas, e o que eu gosto até hoje é forró, aí eu toco os outros ritmos rock misturado de todo jeito, mas o principal é o forró.

E: Entendi, e quando você vai montar um repertório, quais critérios você considera? você pensa mais no público, ou é algo mais do seu gosto pessoal?

P: Bem, é um pouco variado que se eu for tocar só as minhas músicas a negada não fica muito tempo na festa não, eu iria caprichar mas a gente pensa um pouquinho em cada um, aí a bota uma música da gente, bota uma da atualidade que a gente sabe que o pessoal vai gostar e vai fazendo uma misturinha, o povo escuta "êêê", daqui a pouco escuta as antigas que a gente gosta, e aí vai fazendo o povo ouvir no meio as da gente e ir se interessando.

E: Entendi. Pois ok, muito obrigado pela sua participação.

Participante #5

E: Esta entrevista faz parte da pesquisa para desenvolvimento do TCC, intitulado "PROCESSOS FORMATIVOS E PROFISSIONALIZANTES DOS MÚSICOS NO MUNICÍPIO DE GRAÇA".

Vamos lá para as primeiras perguntas

Qual o seu Nome?

P:.....

E: Qual sua idade?

P: 19 anos.

E: Qual é a sua profissão ou profissões?

P: Cantor, tenho um grupo né que a gente faz eventos, e também tenho um fixo, vamos dizer assim né, que eu trabalho em estoque também, aí eu faço essas duas partes.

E: Certo, você toca algum instrumento musical ou canta?

P: Só canto mesmo, toco um pouco de bateria.

E: Então o canto é o seu foco principal?

P: Isso.

E: Você teve aula de música em alguma instituição? e se você teve como é que eram essas aulas?

P: Eu pratiquei um pouco quando teve o projeto aqui do município de Graça né, mas foi poucos meses, acho que foram dois meses só.

E: E você chegou a ter professor particular individual em algum momento?

P: Não, nunca.

E: Sendo assim, com quem você aprendeu música?

P: Na verdade foi um primo meu lá do interior que ele cantava antigamente em uma banda “Forró pra balançar” lá do Bom Gosto, aí ele sempre gostou de cantar e tinha um som em casa, um karaokê, aí um dia eu estava andando de bicicleta e ele passou e me chamou pra ir cantar, pra ver como eu me saia né, aí ele gostou, perguntou se eu tinha coragem de botar pra frente, aí a gente foi no outro interior que é do lado vizinho, fomos lá no estúdio de um amigo nosso (Cita o nome de amigo), que ele tem um estúdio lá e toca também vários instrumentos, teclado, sanfona, violão. Aí teve um... como é que eu posso dizer... ele tem assim mais noção... ele fez uns testes lá comigo, e o filho dele também tocava teclado, e aí ele gostou e a gente formou um grupo.

E: E como foi o seu processo de aprendizagem? Você aprendia com amigos, familiares, bandas da cidade, grupos de igreja?

P: Foi mais só ouvindo mesmo, pela internet né, pelos CD’s daquele tempo, não tinha muito acesso a internet mas tinha os DVD’s de antigamente, e como lá em casa tinha muito DVD de todas as bandas que tinha, aí eu ia acompanhando cantando, e eu gostava né, mas nunca tive... tipo assim, aula mesmo pra cantar nem nada, só foi de mim mesmo assim.

E: Você mencionou que já participou de alguns grupos musicais, inclusive tem o seu grupo musical né. Como são as coisas neste grupo?

P: Assim eu comecei... era teclado também a primeira vez, aí desformou, aí quando eu mudei pra cá pra cidade um homem me chamou pra gente formar uma banda, lá pros lados das milhãs, e também o [cita o nome do amigo] que hoje é meu compadre, de um interior mais próximo, chamou pra gente formar um grupo também, só com o teclado né, e aí eu escolhi ele né, até por ser mais perto também facilitava pra mim. Aí a gente formou esse grupo e depois entrou um sanfoneiro também, mas agora ele saiu e está só nós dois, voz e teclado.

E: Quais foram os aprendizados que você considera que teve nesses grupos?

P: É união, é união, o entrosamento, pois muitas das vezes a gente tem que desenrolar alguma coisa alí em cima da hora, e a gente tendo a união e tendo... como que eu posso dizer... tendo flexibilidade pra gente... fazer, dar o melhor da gente né.

E: Quais competências e habilidades você considera importantes para um músico/cantor profissional?

P: Além de tudo... acima de tudo ter humildade e nunca se achar melhor que ninguém, porque isso... como que eu posso dizer... agrega muito na carreira de seja lá quem for. Seja

pequeno ou grande, estando começando agora ou já tendo muito anos. se tiver humildade vai crescer mais ainda

E: Como você desenvolveu a sua percepção musical, leitura de partituras, ou a prática técnica do canto?

P: Foi mais acompanhando os cantores, pelo youtube também depois que passei a ter acesso à internet. Ficou melhor pra gente... ouvir com mais frequência também é perceber como eles cantam, a respiração... é, o modo de cantar, enfim.

E: E sobre o seu estudo individual, como ele acontece? Você tem uma rotina de estudo de canto? Quais são as dificuldades que você encontra e como você faz para superar elas?

P: Na verdade, tipo assim, eu não tenho um horário certo para aquela... pra estudar música né. Mas sempre que eu posso eu fico me atualizando sobre as músicas lançadas, as músicas do momento, pois aí, a gente já vai ficando com elas na cabeça pra posteriormente a gente poder ensaiar né e facilitar pra gente, é assim que acontece.

E: Você utiliza de ferramentas como computadores, celulares ou sites para aprender música? e de que forma você utiliza?

P: É, uso o celular mesmo, por aplicativos.

E: Quais fatores motivaram você a seguir carreira na área da música?

P: É por que foi uma coisa que eu me identifiquei né, e vi que o pessoal também gosta, e é uma coisa que eu me sinto bem quando eu faço. Esqueço das outras coisas, dos problemas que a gente passa no dia a dia, e também já me deu muitas oportunidades né, como viajar pro Rio de Janeiro, cantar com um ídolo meu que eu nunca pensei que eu ia conseguir, mas graças a Deus deu certo.

E: E para você o que representa ser um músico profissional? Como você se sente sendo um músico profissional?

P: Eu me sinto... deixa eu ver como que eu posso dizer... Agraciado né, por ter esse dom, posso dizer assim... e por estar levando música... por estar levando alegria pro povo, pro pessoal. Onde a gente vai o povo reconhece a gente, o povo agradece por a gente ter ido cantar, e o povo se sente bem né, e é isso que a gente presa.

E: Quais gêneros musicais você mais gosta de cantar e porquê?

P: É mais forró e piseiro né, pela região e por estar muito atual, que é uma coisa que a cada dia que passa atualiza mais, e o pessoal abraça muito esse estilo né, a gente canta de tudo um pouco mas forró e piseiro é o mais...

E: Entendi. Quais são os critérios que você considera na hora de montar o seu repertório?

P: Os critérios são... vai de acordo com o pessoal né, porque na região nossa, é mais forró e piseiro, mas tem outras regiões que são mais forró antigo, e aí a gente busca sempre se adaptar conforme a região né, conforme o público.

E: Entendi, foi um prazer ter a sua contribuição. Muito obrigado pelo seu tempo e disponibilidade.